

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

PERLA RODRIGUES LÔBO

**O Processo Organizativo da Greve no Contexto de uma
Biblioteca Universitária Brasileira**

VITÓRIA
2016

PERLA RODRIGUES LÔBO

**O Processo Organizativo da Greve no contexto de uma
Biblioteca Universitária Brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva.

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

L963p Lôbo, Perla Rodrigues, 1975-
O Processo organizativo da greve no contexto de uma
biblioteca universitária brasileira / Perla Rodrigues Lôbo. – 2016.
127 f. : il.

Orientador: Alfredo Rodrigues Leite da Silva.
Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e
Econômicas.

1. Bibliotecas universitárias. 2. Greves e lockouts - Serviços
públicos. 3. Processos organizativos. 4. Estudos baseados em
prática. I. Silva, Alfredo Rodrigues Leite da, 1973-. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65

PERLA RODRIGUES LÔBO

**O Processo Organizativo da Greve no Contexto de uma Biblioteca
Universitária Brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Vitória, ES em 31 de Maio de 2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. César Augusto Tureta de Moraes
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo de Souza Bispo
Universidade Federal da Paraíba

Dedico...

A DEUS, por seu infinito amor e fidelidade em todos os momentos da minha vida.

A Romulo, pelo companheirismo, amor e compreensão em nossa caminhada.

A Celia e José Guilherme, que me deram a vida; Camila, pelo incentivo e Maria, minha segunda mãe.

Agradeço

Ao Professor Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva por aceitar o desafio em orientar uma mestranda Bibliotecária. Suas contribuições foram primordiais para o meu crescimento profissional e acadêmico nos estudos organizacionais.

Aos Professores Doutores César Augusto Tureta de Moraes e Marcelo de Souza Bispo, por contribuírem na minha banca de qualificação e defesa da dissertação.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFES que contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento ao longo do percurso no mestrado e aos servidores administrativos do programa.

Aos meus colegas de mestrado pelo apoio, amizade, compartilhamento de alegrias e ansiedades durante o processo.

À Direção do Sistema Integrado de Bibliotecas – SIB/UFES, por autorizar a realização desta pesquisa na Biblioteca Central e pelas informações prestadas.

A todos os colegas de trabalho da Biblioteca Central da UFES pertencentes a: Divisão de Formação e Tratamento do Acervo; Divisão de Assistência ao Usuário, Divisão de Tecnologia de Informação e Comunicação e Secretaria, que contribuíram com palavras de incentivo e também partilharam suas experiências para a elaboração deste trabalho.

“A greve consegue ser muitas coisas de uma só vez: é momento de liberdade, de pausa, de rebelião e de sonho; tem traços de homem e de mulher; arroubos de jovem e racionalidade de adulto. Exatamente por isso, as leis estão sempre tentando capturá-la, e ela sempre busca fugir”.

VIANA (2007, p. 239)

RESUMO

No contexto dinâmico da greve as pessoas convivem em constante interação, compreendem e constroem significados e sentidos para as atividades cotidianas e fazem das organizações, espaços de aprendizagem e geração de conhecimento. Desse modo, ao revelar as práticas desempenhadas nesse contexto em uma biblioteca universitária busca-se entender os processos organizativos em sua dinamicidade e interação. É nessa perspectiva que Feldman e Orlikowski (2011) ressaltam a relevância dos Estudos baseados na prática (EBPs). A abordagem dos EBPs permite compreender, por exemplo, os processos organizativos em uma biblioteca universitária, direcionando o enfoque para as dinâmicas e relações organizacionais. Assim, tem-se como objetivo geral deste estudo: compreender o processo organizativo da greve na Biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo. Para o alcance do objetivo da pesquisa, optou-se pela perspectiva teórica da etnometodologia que, de acordo com Coulon (1995), contribui para a mudança de um paradigma normativo para um paradigma interpretativo. As técnicas de coleta de dados adotadas foram: observação participante, conversas informais com os praticantes, análise de documentos e fotografias. Como conclusões destaca-se que os processos organizativos apresentaram-se dinâmicos e inter-relacionados entre os atores humanos (técnicos administrativos, bolsistas, terceirizados) e não-humanos (equipamento do ponto eletrônico, tenda da greve; artefatos de divulgação; artefatos de manifestação; atividades culturais e recreativas) na prática. Como contribuições destacam-se: o potencial das abordagens dos EPBs e da Etnometodologia nos estudos organizacionais da área de biblioteconomia, pois, possibilitaram conhecer a dinamicidade da prática da greve e pensar a organização enquanto uma realidade socialmente construída. Somado a isso, permitiu compreender as particularidades da greve que encontravam-se além do processo organizativo formal de uma biblioteca universitária.

Palavras-chave: Bibliotecas universitárias. Greves e lockouts - Serviços públicos. Processos organizativos. Estudos baseados em prática.

ABSTRACT

In a dynamic context of a strike people live in continuous interaction, they understand and build meanings and senses to daily activities and turn organizations into learning and knowledge construction spaces. Thus, by revealing practices performed in this context in a University Library this study seeks to understand the organizational processes in its dynamism and interaction. From this perspective Feldman and Orlikowski (2011) emphasize the relevance of the Practice-Based Studies (PBS). The PBS approach allows us to understand, for example, the organizational processes in a University Library, focusing the dynamics and organizational interaction. Therefore the general objective of this study is: understanding the organizational process of the strike in the Federal University of Espírito Santo library. To achieve the research main goal was used the theoretical perspective of ethno-methodology, which according to Coulon (1995), contributes to change a normative paradigm to an interpretive paradigm. Data collection procedures were the following: participant observation, informal conversations with practitioners, documents and photographs analysis. As final considerations it stands out that the organizational processes were dynamic and interrelated among the human actors (administrative officers, scholars, outsourced) and non-human (electronic equipment, striker's reunion tent; informational and propaganda disclosure material; cultural and recreational activities) in practice. Contributions include: the potential of PBS approaches and Ethno-methodology in organizational studies in library science field, since it was possible to recognize the dynamism on practicing the strike and analyze the Organization as a socially constructed reality. In addition, the study allowed understanding particularities of the strike who were beyond the formal organizational process from a University Library.

Keywords: Academic libraries. Strikes and lockouts - Civil service. Organizing. Practice-based studies.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1 - Etnometodologia enquanto Método..... | 54 |
| Figura 2 - Campus da Universidade Pesquisada..... | 58 |
| Figura 3 - Organograma da Biblioteca Central..... | 64 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|------------|
| Quadro 1 - Descrição Teórica dos Conceitos Etnometodológicos..... | 52 |
| Quadro 2 - Análise e Interpretação de Dados Etnometodológicos..... | 61 |
| Quadro 3 - Descrição dos Atores na Prática da Greve..... | 81 |
| Quadro 4 - Conceitos-Chave da Etnometodologia na Prática da Greve..... | 85 |
| Quadro 5 - Implicações da Greve para os Não-Praticantes segundo os Conceitos -Chave da Etnometodologia..... | 92 |
| Quadro 6 – Implicações da Greve para os Discentes segundo os Conceitos- Chave da Etnometodologia..... | 100 |

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|--|-----------|
| Fotografia 1 - Biblioteca Central Pesquisada..... | 56 |
| Fotografia 2 - Sarau Literário em frente a Biblioteca Central..... | 70 |
| Fotografia 3 - Ponto Eletrônico da Biblioteca Central..... | 71 |
| Fotografia 4 - Tenda da Greve no Campus da Universidade..... | 72 |
| Fotografia 5 - Cartazes da Greve afixados em um Centro de Curso..... | 72 |
| Fotografia 6 - Cartazes da Greve na Biblioteca Central..... | 73 |
| Fotografia 7 - Faixa da Greve na Biblioteca Central..... | 73 |
| Fotografia 8 - Faixa da Greve no Campus Universitário..... | 74 |
| Fotografia 9 - Bandeiras da Greve no Campus Universitário..... | 74 |
| Fotografia 10 - Pintura para os Filhos dos Servidores..... | 75 |
| Fotografia 11 - Piscina de Bolinhas para os Filhos dos Servidores..... | 76 |
| Fotografia 12 - Sarau Literário na Reitoria..... | 76 |
| Fotografia 13 - Café Coletivo realizado na Tenda da Greve..... | 77 |
| Fotografia 14 - Cine Greve..... | 78 |
| Fotografia 15 - Organização para Ato Nacional em Brasília-DF..... | 78 |
| Fotografia 16 - Manifestação em frente ao Campus Universitário..... | 79 |
| Fotografia 17 - Protesto com Animal em frente a Reitoria da Universidade.... | 80 |
| Fotografia 18 - Despacho realizado como Protesto em frente a Reitoria..... | 80 |
| Fotografia 19 - Coletores Magnéticos utilizados no Inventário..... | 90 |
| Fotografia 20 - Acervo Inventariado no Período da Greve..... | 90 |
| Fotografia 21 - Biblioteca Central Fechada no Período da Greve..... | 92 |
| Fotografia 22 - Bancos de Cimento e Escadas próximos ao RU onde os Discentes Estudavam..... | 98 |
| Fotografia 23 - Bancos de Cimento nos Centros de Curso onde os Discentes Estudavam..... | 98 |
| Fotografia 24 - Cadeiras nas Cantinas onde os Discentes Estudavam..... | 99 |
| Fotografia 25 - Escadas, Parapeitos e Chão onde os Discentes Estudavam..... | 99 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 23 |
| 2.1 Estudos Baseados na Prática..... | 23 |
| 2.2 Processos Organizativos, da Visão Tradicional nos Estudos sobre Bibliotecas ao <i>Organizing</i>..... | 31 |
| 2.3 Estudos sobre Bibliotecas Universitárias em Instituições Públicas - Limitações e um Caminho Alternativo..... | 35 |
| <i>2.3.1 A Greve no Contexto das Universidades Federais Brasileiras.....</i> | <i>42</i> |
| 3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO..... | 50 |
| 3.1 Coleta de Dados..... | 54 |
| 3.2 Análise dos Dados..... | 60 |
| 4 SITUANDO A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PESQUISADA..... | 63 |
| 5 REVELANDO A GREVE NO CONTEXTO INVESTIGADO..... | 69 |
| 5.1 E quando a prática te surpreende?..... | 69 |
| 5.2 Os Praticantes e a Greve..... | 70 |
| 5.3 Não-Praticantes e a Greve..... | 88 |
| 5.4 Discentes e a Greve..... | 96 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 106 |
| 7 REFERÊNCIAS..... | 113 |
| APÊNDICES..... | 124 |
| APÊNDICE A - Roteiro de Observação..... | 125 |
| APÊNDICE B - Autorização para Realização da Pesquisa..... | 126 |
| APÊNDICE C - Autorização para Uso de Fotografias..... | 127 |

1 INTRODUÇÃO

Os estudos voltados para o entendimento das bibliotecas públicas se concentram na perspectiva normativa e negligenciam algumas dimensões críticas da área. Este trabalho assume uma visão alternativa a essa perspectiva, para isso é adotada uma reflexão que vai além da hegemonia do conceito adotado na administração, em que a palavra “organização” é entendida como um substantivo ou, ainda, é associada a um adjetivo de algo “organizado”. Aqui a palavra “organização” está mais próxima da ideia de movimento, complexidade e ação, ou seja, é compreendida como um verbo associada ao entendimento de um “processo de organizar” (*organizing*) contínuo em que a “organização” é construída, perpetuada e modificada no cotidiano a partir das práticas (WEICK, 1967; CZARNIAWSKA, 2008; BISPO; SANTOS, 2014).

Esta dissertação trata as organizações segundo a concepção de Czarniawska (2008, p. 6, tradução nossa), em que estas ocorrem “em uma rede de fragmentados e múltiplos contextos”, estando próxima da ideia de movimento, complexidade e ação. Nessa ótica os estudos sobre os processos organizativos (*Organizing*) acompanham o pressuposto de que uma organização é constantemente criada e modificada no cotidiano das práticas (CZARNIAWSKA, 2008).

A partir desta abordagem optou-se em estudar os processos organizativos desempenhados na greve em uma biblioteca universitária buscando evidenciar as ações e os atores (humanos e não-humanos) envolvidos nesse contexto. De acordo com Latour (1992), ao realizarmos nossas análises sobre a sociedade é necessário incluirmos não apenas os atores humanos, mas também os atores não-humanos nos estudos, pois estes últimos ganham significado e também atribuem significado à ação humana, como por exemplo, computadores, pontos eletrônicos, livros, internet, entre outros.

Segundo Law (1992, p. 3, tradução nossa), “[...] nós não teríamos uma sociedade, de modo algum, se não fosse pela heterogeneidade das redes do social”. Assim, as interações entre as pessoas, segundo o autor, acontecem pela mediação e participação dos objetos no social.

Ao considerar os diversos atores esta pesquisa assume que a atuação de humanos e não-humanos se faz presente nos processos organizacionais do cotidiano social. Ainda dentro dessa abordagem, aqui adotada, Law (1992) ressalta o pressuposto de não assumir a existência como dada, mas sim como algo que é construído por meio de práticas e relações. A partir desse pressuposto concebe-se também que as práticas desempenhadas em um contexto de greve, bem como outras práticas criadas ou modificadas a partir desse contexto são dinâmicas, ou seja, estão em constante movimento.

Para Trindade (2003, p. 162), as greves que atingem continuamente as universidades públicas brasileiras decorrem das “políticas neoliberais que dominam os países latino-americanos e são resultado das ‘recomendações’ do Banco Mundial e da Reforma do Estado”. Goulart (2012, p. 7-8) destaca que essas recomendações demandam que os programas federais diminuam os gastos públicos com educação além de buscar “a redução do poder e a resistência dos setores contrários ao eixo das reformas educacionais (sindicatos e movimentos por uma educação pública e estatal)”.

Somado a isso, Trindade (2003) destaca a ampliação das atividades privadas no setor de educação em seus vários níveis, como um problema, pois compromete o sistema educacional com as demandas do mercado de acordo com as tendências nacional e internacional. Para o mesmo autor, os movimentos grevistas revelam a crise e os efeitos desagregadores das políticas neoliberais e expressam o processo de precarização do espaço público nas universidades latino-americanas. As greves surgem então como algo dinâmico, que transforma os processos organizativos das universidades públicas como também se constitui em um processo organizativo em constante mudança por parte dos atores nas bibliotecas universitárias.

Nesse sentido de dinamicidade, Czarniawska (2008, p. 6, tradução nossa) salienta que “os processos organizativos acontecem em muitos lugares e ao mesmo tempo e nem sempre exigem a presença física dos seus atores”, podendo ocorrer por meio de interações em ambientes virtuais, ou seja, nem sempre presenciais. Lewis (2013, p. 2, tradução nossa) corrobora com o exposto ao afirmar que “a existência de uma rede de comunicação mundial, como é o caso da internet, faz com que cada vez mais os documentos estejam disponíveis livremente e,

consequentemente, exige uma transformação também das práticas nas bibliotecas”. Portanto, ao discutir a greve como prática, este trabalho busca repensar a biblioteca universitária e o seu papel em um mundo que está em constante transformação.

Ratificando esse modo de pensar, Cavanagh (2013) ressalta a importância em entender a biblioteca como resultado de uma complexa rede de atores e ações informativas. Lewis (2013, p. 2, tradução nossa) destaca que as bibliotecas acadêmicas precisarão “desconstruir seus legados de coleções impressas bem como gerir a transição para mecanismos que propiciem o acesso à informação de acordo com a demanda dos usuários”.

Ainda segundo Lewis (2013, p. 3, tradução nossa), o impacto das tecnologias da informação nas bibliotecas tem propiciado o surgimento de “novas manifestações físicas do livro”, este último, como a maioria dos outros documentos, “está se transformando em entidades digitais na web”. Assim, Lewis (2013), bem como outros autores (MACWHINNIE, 2003; SEEHOLZER; SALEM JR., 2011), debatem sobre as novas possibilidades de pensar as bibliotecas como espaços capazes de fornecer grande parte da informação requerida por suas comunidades sem recorrer a coleções de impressão locais, por meio do *open access*, isto é, acesso aberto à informação digital.

As transformações citadas nas bibliotecas e, especialmente, nas bibliotecas universitárias permitem repensar novos caminhos para a área da Ciência da Informação. No transcorrer da prática da greve em uma biblioteca universitária, por exemplo, pode-se pensar como os diversos atores agem no cotidiano e, consequentemente, como essa ação influencia no desempenho de outras práticas.

A partir do contexto dinâmico da prática da greve, é possível pensar em novos papéis que a biblioteca universitária pode assumir na atualidade. Papéis estes que possibilitam refletir sobre a transformação virtual da informação, bem como os atores humanos e não-humanos que, conscientemente ou não, produzem e reproduzem suas ações e, como estas últimas influenciarão os processos organizativos no contexto da biblioteca universitária.

Desse modo, ao revelar as práticas desempenhadas no contexto de greve em uma biblioteca universitária busca-se compreender os processos organizativos em sua dinamicidade e interação. Utilizando a conceituação apresentada por Hatch e

Yanow (2003), procura-se pensar os processos organizativos enquanto campos simbólicos que se caracterizam por mudanças constantes dos indivíduos, das aprendizagens e dos conhecimentos coletivos. No contexto dinâmico de uma greve, por exemplo, as pessoas convivem em constante interação, compreendem e constroem significados e sentidos para as atividades cotidianas e fazem das organizações, espaços de aprendizagem e geração de conhecimento.

Cooper (1986, p. 305, tradução nossa) destaca também “a transformação do trabalho que está centrado em uma condição intrinsecamente ambígua, entre um processo que é ordenado na organização e também está ligado a um estado contrário de desorganização”. Visto desta forma, “a mutualidade da oposição organização-desorganização torna-se uma questão central na análise da organização social e ação social” (COOPER, 1986, p. 305, tradução nossa). Segundo Lloyd (2010), por meio de processos colaborativos como a mediação e a negociação entre as pessoas e/ou grupos é possível interpretar o cenário informacional valorizado no seio de uma prática social.

Diante desse cenário ressalta-se, assim como Feldman e Orlikowski (2011), a relevância dos Estudos Baseados na Prática (EBPs). Destarte, a abordagem dos EBPs permite compreender, por exemplo, os processos organizativos em uma biblioteca universitária, direcionando o enfoque para as dinâmicas e relações organizacionais. Para os autores citados, a lente da prática oferece ferramentas analíticas poderosas que contribuem para os estudos organizacionais.

Segundo Gherardi (2000, p. 215, tradução nossa), uma importante contribuição da Teoria Baseada na Prática é de ser “um insight metodológico em que a prática representa um sistema de atividade na qual o ‘conhecer’ não é separado do ‘fazer’. Aprender é uma atividade social e participativa mais do que meramente uma atividade cognitiva”. E a autora complementa: “participar de uma prática é consequentemente uma maneira de adquirir ‘conhecimento na ação’, mas também mudar ou perpetuar tal conhecimento e produzir e reproduzir a sociedade” (GHERARDI, 2000, p. 215, tradução nossa).

Para Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010, p. 267, tradução nossa):

“um aspecto central para a perspectiva prática é o reconhecimento dos contextos sociais, históricos e estruturais em que o conhecimento é fabricado. A ‘prática’ permite que os pesquisadores investiguem empiricamente como elementos contextuais moldam o conhecimento e como a competência é construída em torno de uma lógica contingente de ação”.

A aprendizagem é promulgada dentro dos limites de um domínio do saber e do fazer: a prática. O conceito de prática contribui, portanto, para o entendimento do cotidiano organizacional em seu processo de *organizing* e *knowing-in-practice*, ou seja, possibilita perceber as práticas como um aprendizado coletivo e não como algo que está na mente das pessoas, apenas como um processo cognitivo. Portanto, é um processo de construção que ocorre por meio das interações e da linguagem (GHERARDI, 2000, 2006).

Berger e Luckmann (2013) ressaltam também que a linguagem é capaz não apenas de construir símbolos da experiência diária, mas também de “fazer retornar” estes símbolos, apresentando-os como elementos objetivamente reais na vida cotidiana. Desta maneira, o simbolismo e a linguagem tornam-se componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e, conseqüentemente, pode-se inferir que são construídos coletivamente, através da interação e das práticas desenvolvidas na sociedade.

Conforme Nicolini (2012), o estudo dos fenômenos sociais, humanos e, especialmente, organizacionais, ao utilizarem a abordagem baseada na prática, torna-se distintivo na medida em que: representa uma alternativa para os muitos pontos de vista e, sugere que os fenômenos organizacionais decorrem da ação mais ou menos racional dos sujeitos individuais como acontece, por exemplo, nas organizações formais. Do mesmo modo, nos obriga a repensar o papel dos agentes e dos indivíduos, pois propõe que as unidades básicas de análise de compreensão dos fenômenos organizacionais são as práticas e não os praticantes.

Tais estudos lançam também uma nova luz sobre a natureza do conhecimento e do discurso, no entanto, a linguagem por si só não explica todos os aspectos da vida organizacional, sendo necessária uma apreciação também dos objetos e materiais que se relacionam em uma rede de práticas.

Com isso, a pesquisa busca ir além da moldura tradicional e objetivista preenchendo uma lacuna dos estudos organizacionais da área da Ciência da Informação que apresentam, em sua maioria, estudos voltados para a gestão, o controle e a prescrição de serviços e produtos a serem oferecidos pelas bibliotecas. Considera-se que, mesmo que esses aspectos (planejamento, controle, prescrição) estejam presentes no dia a dia das organizações, não devem limitar o olhar do pesquisador. Esta pesquisa visa, portanto, incluir a dinamicidade e a fluidez dos processos presentes no cotidiano organizacional, bem como os diversos atores (humanos e não-humanos) que desempenham as práticas.

Diante do exposto, este trabalho busca oferecer uma contribuição ao desvendar os processos organizativos a partir das práticas cotidianas no contexto de greve em uma Biblioteca Universitária. Para Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010, p. 267) a perspectiva da prática “reconhece os contextos sociais, históricos e estruturais em que surge o conhecimento e permite aos pesquisadores investigarem empiricamente os elementos da ação”. Nesse sentido, possibilita compreender a pluralidade de ações desempenhadas pelos atores no contexto da greve, por exemplo.

Além disso, segundo Antonello e Godoy (2009, p. 279-280):

Os estudos baseados em práticas partem da noção de uma realidade emergente, do conhecimento como uma atividade material, conectada a artefatos materiais: o social não só está relacionado aos seres humanos, mas também a artefatos simbólicos e culturais. A noção de prática é rica à medida que articula a noção de espaço-tempo do fazer dos atores, isto é, como práticas ‘situadas’, implicando incertezas, conflitos e incoerências como características intrínsecas a essas práticas.

Assim, os EBP contribuem para a pesquisa sobre a greve no sentido em que permitem compreender as práticas situadas, as incertezas, conflitos, negociações e incoerências presentes na prática. Somado a isso, incluem os artefatos materiais, simbólicos e culturais que atuam diretamente nos processos organizativos da prática da greve. Portanto, a partir do explicitado, tem-se o seguinte problema de pesquisa: como se constitui o processo organizativo da greve no contexto de uma Biblioteca Universitária?

Já a motivação para a escolha do *locus* surge do interesse da pesquisadora em estudar a greve enquanto prática desenvolvida em um contexto voltado para o serviço de informação, pois atua profissionalmente nesse serviço em uma biblioteca universitária. Nessa atuação profissional o convívio com o processo organizativo da greve é algo pontual no tempo e no espaço, mas com implicações intensas e duradouras relativas à compreensão das particularidades fora do processo organizativo articulado na organização. Ao vivenciar esta realidade na instituição em que atua a pesquisadora desenvolveu o desejo de contribuir com novos olhares sobre um processo dinâmico como o processo organizativo da greve neste espaço.

Para Arellano-Gault et al. (2013) existe um campo amplo a ser investigado nos estudos organizacionais voltados para a esfera pública, no entanto, a visão racional e, muitas vezes, prescritiva ainda prevalece nessas pesquisas. Os autores citados sugerem algumas temáticas e caminhos a serem estudados, porém esta pesquisa segue pela abordagem dos Estudos Baseados na Prática (EBPs). Assim, ao utilizar os EBPs a pesquisadora entende também que, a biblioteca universitária representa uma rede de elementos heterogeneamente conectados e que são perpetuados por um processo ativo que trazem sentidos diversos dentro da organização.

Somado a isso, a biblioteca universitária é, também, um ator fundamental na atividade de ensino-aprendizagem, como infraestrutura informacional e documental ao corpo docente, discente, técnico-administrativo e comunidade em geral. A disponibilização dos acervos da referida biblioteca permite aos usuários o acesso, tanto à informação registrada, como também ao conhecimento consolidado e aceito pela comunidade científica. Possibilita, assim, o desenvolvimento de reflexões e a realização de debates sobre temas nas diversas áreas de estudo (SANTOS; GOMES; DUARTE, 2014). Ao pensar a greve enquanto prática busca-se refletir a dinamicidade e as transformações por que passam as bibliotecas, especialmente as bibliotecas universitárias.

Portanto, como objetivo geral pretende-se compreender o processo organizativo da greve na Biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo.

Como objetivos específicos o estudo vislumbra:

- identificar os atores envolvidos na greve;
- evidenciar as ações realizadas durante a greve em uma biblioteca universitária;
- revelar o(s) processo(s) organizativo(s) que constitui(em) a prática da greve para os atores envolvidos.

Portanto, para o alcance dos objetivos da pesquisa, optou-se por estratégias de investigação da perspectiva teórica da etnometodologia que, de acordo com Coulon (1995), contribuem para a mudança de um paradigma normativo para um paradigma interpretativo, bem como, no caso deste estudo, permitem novos olhares sobre os processos organizativos que envolvem a greve em uma biblioteca universitária.

Para Gherardi (2000) a etnometodologia é uma perspectiva que nos ajuda a enxergar as organizações como sistema de práticas, existindo no mundo do conhecimento tácito. Já Garfinkel (2006, p. 1, tradução nossa) ressalta que os estudos etnometodológicos “analisam as atividades cotidianas como métodos que seus membros utilizam para tornar essas atividades razoavelmente visíveis e reportáveis em todos os seus efeitos práticos”. O autor complementa que: “a reflexividade do fenômeno torna-se uma característica singular das ações práticas, das circunstâncias concretas, do conhecimento do senso comum das estruturas sociais e do raciocínio da sociologia prática” (GARFINKEL, 2006, p. 1-2, tradução nossa).

A etnometodologia possibilita a utilização de diversas técnicas de coleta de dados como, por exemplo: observação direta, observação participante, diálogos (conversas informais), entrevistas, gravações em vídeo, projeção do material gravado para os próprios atores (participantes), gravações em áudio, fotos, análise de documentos, além de debates com os participantes sobre os materiais produzidos (COULON, 1995; FRANCIS; HESTER, 2004; TEN HAVE, 2004; RAWLS, 2008; OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012).

Neste trabalho as técnicas de coleta de dados adotadas foram: observação participante, conversas informais com os praticantes, análise de documentos e fotografias. A proposta do estudo foi analisar o processo de organizar (*organizing*) da prática da greve em uma biblioteca universitária. Como objetivos principais, buscou-se: identificar os atores humanos e não-humanos envolvidos na greve bem como as ações e os processos organizativos que constituem esta prática para os atores envolvidos.

A partir do relato da(s) prática(s) identificada(s), foram utilizadas perguntas para orientação analítica e interpretativa, propostas por Bispo e Godoy (2014) e, que foram baseadas nos cinco conceitos-chave da etnometodologia (COULON, 1995), quais sejam: a prática (no sentido de realização), a indicialidade, a reflexividade, a *accountability* e a noção de membro. Considera-se que, como aspectos relevantes, a pesquisa amplia a discussão de como ocorrem os processos organizativos da greve em uma biblioteca universitária. Além disso, aponta para um olhar menos técnico e mais reflexivo sobre as práticas cotidianas buscando novas possibilidades de estudos organizacionais na área da ciência da informação.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica que inclui uma breve contextualização sobre os Estudos Baseados na Prática; em seguida, evidenciou-se a visão tradicional dos processos organizativos que ocorrem nas bibliotecas com o intuito de sugerir outras possibilidades de pesquisa e entendimento sobre o *organizing*.

Posteriormente, apresentam-se alguns estudos sobre bibliotecas universitárias que visam traçar limitações e caminhos alternativos de pesquisa. Complementando o item anterior, explora-se a greve no contexto das universidades federais brasileiras, bem como as pesquisas desenvolvidas em nível internacional sobre a temática.

Em seguida, detalha-se a metodologia escolhida utilizando como foco os processos organizativos em conjunto com a etnometodologia. Com relação a análise dos dados adotou-se como codificação dos resultados os pressupostos levantados no referencial teórico (Estudos Baseados na Prática, processos organizativos em bibliotecas, bibliotecas universitárias e greve em universidades federais brasileiras),

assim como, os cinco conceitos-chave da etnometodologia (a prática, a indicialidade, a reflexividade, a *accountability* e a noção de membro).

Como conclusões do estudo destaca-se que os processos organizativos apresentaram-se dinâmicos e inter-relacionados entre os atores humanos (técnicos administrativos, bolsistas, terceirizados) e não-humanos (equipamento do ponto eletrônico, tenda da greve; artefatos de divulgação; artefatos de manifestação; atividades culturais e recreativas) na prática. Outra constatação foi a relevância da etnometodologia como estratégia de investigação empírica para a condução deste estudo, servindo de subsídio para a compreensão da prática da greve.

Compreendeu-se também que os processos organizativos desempenhados na prática da greve não ocorreram por meios formais, ou seja, foram construídos tacitamente no agir negociado entre todos os seus membros no cotidiano, situação que valoriza as faculdades sensoriais e a influência da estética neste processo. Contudo, é preciso mencionar que o processo de *organizing* da greve influenciou substancialmente outros processos dentro da biblioteca, especialmente no que se refere ao atendimento aos usuários.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Estudos Baseados na Prática

Segundo Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010), o movimento dos Estudos Baseados na Prática se espalhou através de um pluralismo conceitual. As contribuições criadas dentro deste debate, segundo os autores, se assemelham a um "mundo social" composto por variadas reflexões e um amplo conjunto de interpretações da noção de prática.

Para Nicolini (2012) as teorias práticas potencialmente oferecem uma nova perspectiva sobre os fatos organizacionais e sociais, pois permitem pensar em termos de múltiplas práticas realizadas ao mesmo tempo. Portanto, a atração pela expressão prática decorre em particular da sua capacidade de ressoar com a experiência contemporânea que o nosso mundo está cada vez mais em fluxo e interligado, um mundo em que as entidades sociais aparecem como o resultado do trabalho e em que as fronteiras ao redor das entidades sociais são cada vez mais difíceis de desenhar.

Ainda para Nicolini (2012, p. 3, tradução nossa) a contribuição de uma abordagem prática pode ser descrita como “a descoberta de que por trás de todas as características aparentemente duráveis do nosso mundo, há sempre o trabalho e o esforço de alguém”. Também destaca que a relação entre as práticas e as suas condições materiais entre estrutura e processo é concebida de forma recursiva como um tráfego em dois sentidos.

Já Gherardi (2009b) ressalta que a dificuldade na definição do que se entende por "prática" é devido não só à polissemia do termo, mas também aos vários posicionamentos epistêmicos dos pesquisadores. Assim, aplicando a distinção fundamental entre objetivismo e subjetivismo (BOURDIEU, 1990) ou entre o "inquérito de fora" e "inquérito de dentro" (EVERED; LOUIS, 1981) se produz diferentes concepções de práticas e metodologias para o estudo das práticas.

Quando as práticas são lidas “de fora”, o inquérito se concentra em sua regularidade, no padrão que organiza atividades, e no entendimento mais ou menos compartilhado que permite a sua repetição, ou seja, na recursividade de práticas.

Portanto, uma prática se realiza quando é socialmente reconhecida como um fazer institucionalizado. Neste caso, o conhecimento sobre a prática é anterior ao praticante que vai colocá-lo em prática, ou seja, executar atividades como cumprimento situado à lógica da situação. Práticas de leitura de fora permitem ser analisadas como uma "série de atividades", isto é, uma posição epistemológica que liga a análise das práticas com a análise de rotinas realizadas (GHERARDI, 2009b).

No entanto, ainda segundo Gherardi (2009b), as práticas visualizadas de "dentro" permitem uma leitura do ponto de vista dos profissionais e a atividade que está sendo realizada, com a sua temporalidade e processualidade, bem como o emergente e o fim negociado da ação que está sendo feita. Vista de dentro, a prática é uma ação coletiva experiente que forja relações e conexões entre todos os recursos disponíveis e todas as restrições presentes. A realização de uma prática exige, portanto, saber como alinhar os seres humanos e os artefatos dentro de um conjunto sociotécnico e saber como construir e manter uma ação que é entrelaçada e implantada de modo que cada elemento tem um lugar e um sentido na interação. A partir desta definição resulta que o conhecimento é uma atividade situada e que o "saber-na-prática" é sempre uma realização prática.

O foco, portanto, para Nicolini (2012) não é sobre a ação do indivíduo, mas na prática, e no horizonte de ação inteligível que coloca à disposição dos agentes. Outro ponto importante é que a adoção de uma abordagem prática transforma radicalmente a visão do conhecimento, significado e discurso. Na perspectiva prática, "o conhecimento é concebido em grande parte como uma forma de domínio que se expressa na capacidade de realizar uma atividade social e material" e é, portanto, sempre um jeito de saber compartilhado com os outros, "um conjunto de métodos práticos adquiridos através da aprendizagem, inscritos em objetos, incorporados, e apenas parcialmente articulados no discurso" (NICOLINI, 2012, p. 5, tradução nossa).

Por conseguinte, conforme Gherardi (2001, 2009b), conhecer é algo que as pessoas fazem juntas e é feito em todas as atividades, seja nas organizações ou quando as pessoas trabalham juntas e também em campos acadêmicos. Saber é poder participar com a competência técnica na complexa teia de relações entre as pessoas, artefatos materiais e atividades. Atuar como um profissional competente é

sinônimo de saber como conectar com êxito com o campo de práticas, assim ativados.

De acordo com Bruni, Gherardi e Parolin (2007), as tecnologias da informação e comunicação mudaram substancialmente as práticas de trabalho nos últimos anos, exigindo que os trabalhadores e as organizações aprendam diferentes maneiras de trabalho, comunicação e uso da informação. Essa nova experiência vai além da mera prestação de trabalho mediada por computador e exige que os trabalhadores aprendam a traduzir o conhecimento codificado em aprendizado na prática.

Em virtude disso, para Nicolini, Gherardi e Yanow (2003), os Estudos Baseados em Prática (EBP) oferecem alternativas para estudar a aprendizagem e o conhecimento nas organizações, a ontologia da abordagem baseada na prática é relacional, construtiva, heterogênea e situada. A partir da perspectiva prática, o mundo apresenta-se como relacionalmente constituído e assemelhando-se a uma rede de elementos heterogeneamente conectados e perpetuados por um processo ativo de organização de sentido. Assim, as práticas podem ser associadas a um trabalho de bricolagem que reúne elementos materiais, mentais, sociais e culturais num contexto situado.

Segundo Geiger (2009, p. 135, tradução nossa) os EBP têm revelado “um potencial da natureza socialmente construída e situada de fenômenos como inovações, tecnologias, estruturas organizacionais, relações de poder e construções de gênero”. Ao situar a investigação sobre o nível da comunidade de prática e do ponto de vista subjetivo dos praticantes (profissionais, por exemplo) e da sua construção de mundo, ganha-se uma compreensão mais profunda de como as organizações são construídas, como são alteradas, como as inovações surgem e as decisões são tomadas e como o conhecimento é gerado.

A vantagem dos EBP na análise da vida organizacional, conforme Bruni, Gherardi e Parolin (2007), é possibilitar a convivência mútua do trabalho, da aprendizagem, da inovação, da comunicação, da negociação, do conflito entre os objetivos e a interpretação de metas e histórias. Dessa forma, o conhecimento, os sujeitos e os objetos podem ser entendidos como produzidos dentro de uma prática situada.

A prática, conforme Gherardi (2006) é um modo relativamente estável no tempo e socialmente reconhecido de ordenar elementos heterogêneos em um conjunto coerente. A autora ressalta a predominância de quatro características fundamentais para o entendimento do termo prática: primeiro, em seu aspecto holístico e qualitativo, destaca-se como um conjunto de atividades que adquire significado e torna-se reconhecido enquanto unidade; segundo, o relacionamento da prática com a temporalidade, ou seja, as práticas devem ser repetidas muitas vezes para que sejam reconhecidas socialmente como um modo habitual de se fazer as coisas.

Outro aspecto importante para Gherardi (2006) é que as práticas precisam ser reconhecidas socialmente e pressupõem a existência de um sistema institucional que dê sustentação às normas que as orientam. Por último, as práticas constituem um modo de organização do mundo, isto é, introduzem uma determinada ordenação de elementos humanos e não humanos, que, apesar de frágil, temporária e constantemente ameaçada pela desordem, torna-se parte de uma rede.

Ao concordar com o potencial dos entendimentos descritos por Gherardi (2006), esta dissertação assume a concepção de organização como uma construção, um contínuo processo organizativo. Essa compreensão oferece diversas utilidades para os estudos organizacionais conforme podem ser observados a seguir.

Para Gherardi (2009b, p. 357, tradução nossa) a abordagem baseada na prática é útil como conceito para os estudos organizacionais, pois representa:

- “uma concepção renovada da organização, como uma textura de práticas inter-relacionadas que estende-se para formar uma ação sustentada por um saber-em-ação que renova-se e transforma-se ao ser praticada”;
- “uma concepção renovada do conhecimento como uma atividade situada, negociada, emergente e incorporada”;
- “uma concepção renovada da materialidade como uma forma de representação distribuída e uma relação íntima com os seres humanos”;

- “uma metodologia para análise das novas formas de trabalho como saber-na-prática e, portanto, baseia-se mais no trabalho de conhecimento do que no trabalho performativo”; e
- “um léxico que compreende novas expressões e conceitos para a renovação dos estudos organizacionais”.

Para Gherardi (2001), o conhecimento, os sujeitos e os objetos do conhecimento podem ser entendidos como sendo produzidos em conjunto dentro de uma prática situada. Assim, a objetividade do mundo institucional, por mais maciça que apareça ao indivíduo é uma objetividade produzida e construída pelo homem. O mundo institucional é a atividade humana objetivada, ou seja, apesar da objetividade que marca o mundo social na experiência humana ele não adquire um status ontológico à parte da atividade humana que o introduziu (BERGER; LUCKMANN, 2013).

Os Estudos Baseados em Prática têm seu foco nessa atividade humana que permite investigar a dinâmica social permeada pelas práticas sociais, uma investigação operacionalizada com base em alguns conceitos-chave:

- *Learning*: segundo Gherardi (2001, p. 132, tradução nossa), refere-se a aprendizagem como um “dispositivo interpretativo que permite a construção de um sistema de representação que pode ser utilizado para analisar o processamento do conhecimento organizacional”. E a autora complementa que essa análise se baseia em como o conhecimento é: “produzido, como ele circula, como é institucionalizado, se possui contribuição emancipatória (ou não) para a sociedade”;
- *Knowing*: assim como o *Learning*, conforme Gherardi (2001), também não está localizado na mente do indivíduo, mas no sujeito coletivo, o que significa que o conhecimento não é um tipo de atividade ou domínio restrito realizado em um determinado período da vida, mas sim um processo realizado ao

longo da vida. Evidencia, assim, a dinâmica existente no conhecimento quando ele está associado à prática;

- Estética: de acordo com Strati (2007), centra-se no conhecimento e aprendizado que derivam das faculdades sensoriais da visão, audição e toque. Examina ainda a natureza do conhecimento sensível e a relação entre a estética, a emoção e a afetividade na vida organizacional;
- *Sensemaking*: para Weick (1995) o *sensemaking* ou conhecimento sensível aborda a realidade como uma realização em curso, que toma forma quando as pessoas fazem a retrospectiva de sentido das situações em que se encontram e as suas criações, isto é, *sensemaking* deve ser entendido literalmente, não metaforicamente;
- Textura Organizacional: segundo Gherardi (2009b), representa a textura de práticas inter-relacionadas que forma uma rede de ações. Estas ações são sustentadas por um saber que se renova e se transforma ao serem praticadas;
- *Organizing*: conforme as definições de alguns estudiosos (Gherardi, 2006; Weick, Sutcliffe e Obstfeld, 2005; Weick e Putnam, 2006; Weick, 2011; Colville, Brown e Pye, 2011) é entendido como a realização dos processos organizativos, processos estes que são cíclicos e que se renovam a todo momento nas organizações.

Os conceitos descritos anteriormente não estão isolados, pois, segundo Weick, Sutcliffe e Obstfeld (2005), o *Sensemaking* atrelado aos processos organizativos (*Organizing*) permite construir sentidos e preencher lacunas nos estudos organizacionais. Um tema central entre o *Organizing* e o *Sensemaking* é que as pessoas se organizam para dar sentido ao mundo e torná-lo mais ordenado. Da mesma forma, os conceitos de *Learning*, *Knowing*, Estética e Textura Organizacional

não encontram-se separados, mas representam uma atividade coletiva para a construção de sentidos nos estudos organizacionais.

Com o intuito de mapear parte da produção científica sobre a abordagem da Prática na área da Biblioteconomia, a pesquisadora levantou no Portal de Periódicos da Capes¹ (mês: fevereiro/2016) artigos científicos que utilizassem os assuntos: prática e/ou *practice* e biblioteca(s) e/ou *library*, delimitando apenas que o resultado fosse de periódicos revisados por pares. A pesquisa não delimitou período (ano) da produção científica e obteve um resultado de 172 artigos. Deste quantitativo, cerca de 70% utiliza os conceitos de *Evidence-Based Practice* - EBP (Evidência Baseada na Prática) e *Best Practices* (Melhores práticas).

Percebe-se que os dois conceitos identificados nos artigos levantados na biblioteconomia atribuem um sentido diferente ao utilizado neste trabalho. A *Evidence-Based Practice* - EBP representa um processo de investigação das competências, habilidades e conhecimentos adquiridos em uma determinada área para auxiliar na tomada de decisão e estabelecimento de boas práticas, ou seja, de melhores práticas para utilização, por exemplo, em bibliotecas. O segundo conceito, *Best Practices*, de certa forma, complementa o primeiro, pois com o conhecimento adquirido com a *Evidence-Based Practice* é possível implementar a infraestrutura necessária para a aplicação das melhores práticas em uma determinada área ou organização.

Também foram identificados artigos (cerca de 5%) que pesquisam o conceito de *Community of Practice* (Comunidade de Prática) com o intuito de relacionar a biblioteca com a aprendizagem. Outra abordagem mencionada no artigo de Cavanagh (2013) refere-se à Teoria Ator-Rede (TAR) em bibliotecas. Esta última teoria permite estudar os atores humanos e não-humanos, isto é, considera que a agência é uma propriedade derivada desses dois atores sobre a prática. Segundo a autora, a compreensão da ação dos materiais e objetos nas práticas desempenhadas nas bibliotecas encontra-se teoricamente incompleta e, por esse motivo deve ser melhor estudada pela área.

¹ Portal criado em 2000 no Brasil. Reúne artigos, livros e patentes, recentemente publicados nos Estados Unidos, Ásia e Europa, além da produção científica brasileira. Abrange as diversas áreas do conhecimento e conta com um acervo de mais de 37 mil títulos com texto completo, 126 bases referenciais e 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes.

A abordagem da TAR e o conceito de Comunidade de Prática se aproximam mais do foco adotado neste trabalho. Com relação à primeira, possibilita investigar as fronteiras organizacionais não como algo definido, estático e sim, como entidades que são resultado de estabilizações frágeis de múltiplos processos e fluxos, cujas fronteiras não são claras (ALCADIPANI; TURETA, 2009).

Já a Comunidade de Prática propicia a compreensão dos processos tácitos e explícitos que sustentam as práticas e formam a identidade das pessoas envolvidas no trabalho colaborativo (WENGER, 2000). O que mantém a CoP, segundo Wenger e Snyder (2000) é: a paixão, o comprometimento e a identificação com a experiência do grupo.

Esta dissertação coaduna com os conceitos de prática (Estudos Baseados na Prática), apresentados anteriormente, (GHERARDI, 2001, 2006, 2009b; WEICK, SUTCLIFFE, OBSTFELD, 2005; WEICK, PUTNAM, 2006; WEICK, 2011; COLVILLE, BROWN, PYE, 2011) adotando-se como enfoque os processos organizativos. Apesar deste estudo ser convergente com a TAR e a CoP, por compartilharem de aspectos comuns no estudo com foco nas práticas, este estudo diferencia-se da CoP, pois não visa desenvolver as capacidades, competências e habilidades dos membros e nem compartilhar práticas como uma ferramenta de gestão e disseminação de novos conhecimentos (WENGER; SNYDER, 2000; ANDREW; TOLSON; FERGUSON, 2008). Também diferencia-se da TAR, pois não foca, por exemplo, nas relações de poder existentes nas redes de atores (ALCADIPANI; TURETA, 2009).

Assim, ao utilizar os processos organizativos, busca-se compreender a greve enquanto prática dinâmica, isto é, que está em constante transformação na biblioteca universitária, não sendo, portanto, um conceito estanque e prescritivo. Ao considerar também a atuação dos atores humanos e não-humanos permite-se ampliar a perspectiva das pesquisas voltadas para as práticas cotidianas. Somado a isso coaduna com Gherardi (2009c), que destaca as práticas sociais como elementos centrais de análise do processo de organizar (*organizing*). Portanto, a partir deste enfoque, detalhamos a seguir, um pouco mais sobre o foco adotado na concepção dos processos organizativos.

2.2 Processos Organizativos: da Visão Tradicional nos Estudos sobre Bibliotecas ao *Organizing*

Nos artigos que abordam a temática da biblioteconomia constata-se que, de maneira predominante, os processos organizativos são abordados segundo uma visão tradicional e prescritiva. Essa afirmação pode ser comprovada em alguns trabalhos que prescrevem a adoção da Gestão do Conhecimento e das Tecnologias de Informação como mecanismos que melhoram os processos organizativos nas bibliotecas universitárias (VIANA; MESQUITA; MOURA, 2011; LUBISCO, 2011; SHAHID, 2014; VELMURUGAN; THAVAMANI, 2014; CHIDAMBARANATHAN; SWAROOP RANI, 2015).

Lubisco (2011) destaca o gerenciamento dos processos administrativos de planejamento, organização, execução e controle para o alcance dos resultados esperados e como base para uma organização com qualidade. Segundo Viana, Mesquita e Moura (2011), torna-se importante compreender que o homem tem que administrar infraestruturas, pessoas e processos, sendo que esses últimos são entendidos pelos autores como atividades, quais sejam: coleta, identificação, organização, acesso e criação. Isto é, são rotinas que são modificadas, com o intuito de adequação ao mercado competitivo e que amparam o processo decisório nas organizações (as últimas entendidas como algo estático e prescritivo).

Chidambaranathan e Swaroop Rani (2015) e Velmurugan e Thavamani (2014), assim como os autores anteriores, entendem os processos organizacionais como um substantivo, ou seja, como algo que pode ser criado na estrutura da organização. Destacam também que a administração do conhecimento em bibliotecas acadêmicas possibilita a criação e a modernização de recursos informacionais e que, para alcançar a eficiência/eficácia organizacional, torna-se necessário explorar os recursos informacionais por meio de processos (entendidos como atividades, rotinas) que tragam benefícios ao sistema decisório.

Nos livros da área de Biblioteconomia sobressaem, da mesma maneira, o entendimento dos processos organizacionais como atividades e/ou rotinas a serem realizadas. Essas atividades são desempenhadas no processo de desenvolvimento de coleções (seleção, aquisição e desbastamento/descarte de materiais; estudos de

usuários e avaliações), assim como, no processamento técnico dos materiais informacionais, nos procedimentos de referência, nos treinamentos e na gestão das bibliotecas, especialmente, nas bibliotecas universitárias (VERGUEIRO, 1989, 2010; WEITZEL, 2006; VERGUEIRO; CASTRO FILHO; SILVA, 2011; PINHEIRO, 2013).

Para Vergueiro (1989, 2010); Weitzel (2006) e Pinheiro (2013), o processo de desenvolvimento de coleções compreende atividades técnicas e intelectuais que estabelecem critérios para o trabalho dos bibliotecários e permitem a elaboração de políticas e planejamentos. Da mesma maneira, a gestão da informação nas bibliotecas universitárias é apresentada seguindo alguns modelos, de acordo com Vergueiro, Castro Filho e Silva (2011), ou seja, é entendida como o conjunto de processos e decisões que permitem a tomada de decisões para o alcance dos objetivos da organização.

A Biblioteconomia e os estudos em Bibliotecas Universitárias, ao pesquisarem a organização sob a ótica anterior, isto é, como um substantivo, apresentam algumas limitações, quais sejam: a organização é entendida como uma coisa, objetivada e dada na realidade; além disso, compreende as organizações por meio de abstrações teóricas ou modelagens matemáticas. As estruturas também são reificadas, o que limita a visão do pesquisador e encobre a dinamicidade organizacional (SANTOS; SILVEIRA, 2015).

Esta pesquisa, porém, adota outra abordagem e entende o conceito de *Organizing* enquanto um processo (GHERARDI, 2006), ou seja, como um processo organizativo que é construído e transformado a todo instante e não como algo estático e prescritivo como demonstrado anteriormente. Os processos organizativos nesta perspectiva são abordados nos Estudos Baseados em Prática, pois permitem estabelecer a articulação entre sujeitos (indivíduo, coletividade, organização e instituição) e objetos, também denominados de artefatos, ambos em torno de uma prática.

O *organizing*, de acordo com esta conceituação, é visto como processual, ou seja, apresenta-se como algo que é dinâmico, que transforma-se a todo instante. Além disso, refere-se aos processos desempenhados por uma coletividade, sejam atores humanos e não-humanos que, por meio de suas práticas identificam-se

enquanto organização. O princípio do conceito de *organizing* é que aprender e organizar são fenômenos entrelaçados (GHERARDI, 2006).

De acordo com Weick, Sutcliffe e Obstfeld (2005) a comunicação é um componente central do *Organizing*. A comunicação, para esses autores, representa “um processo em curso de sentidos que surgem a partir das circunstâncias em que as pessoas se encontram coletivamente e dos eventos que as afetam” (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005, p. 413, tradução nossa). Os processos organizativos, deste modo, ilustram o argumento recorrente de que as pessoas se organizam para dar sentido ao que recebem do mundo bem como promulgam novos sentidos de volta ao mundo de modo a torná-lo mais ordenado. Assim, entendem-se os processos organizativos como um processo cíclico e que se renova a todo o momento (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005).

Para Weick e Putnam (2006), quando os pesquisadores invocam o conceito de *Organizing*, implica pensar os objetos em sua impermanência (interdependência associada com a ação coletiva); bem como aceitar a “inevitabilidade da ordem como um processo contínuo, que ora, aparece e desaparece, forma-se e dissolve apesar dos nossos esforços em mantê-lo permanentemente no lugar” (WEICK; PUTNAM, 2006, p. 283, tradução nossa). Assim, para os autores, não há nenhuma entidade ou agente estável que está no controle da ordem, mas esse processo apenas flui e está em constante mudança.

Conforme Weick (2011) o *sensemaking*, o *organizing* e a contação de histórias fornecem uma enorme possibilidade de desenvolver ainda mais o nosso conhecimento e compreensão da ação que está no cerne dos estudos organizacionais e de gestão. Somado a isso, Colville, Brown e Pye (2011) destacam que o *organizing* tem a ver com os processos pelos quais as pessoas trazem sentido ao seu mundo. Estudar o *organizing*, segundo os últimos autores, permite capturar a dimensão processual e temporal por meio do uso de advérbios e gerúndios em oposição à compreensão da organização como substantivo.

Bispo (2014) destaca que o conhecimento descrito anteriormente é construído a partir das práticas, num processo que associa o conhecer ao fazer. Assim, “a prática social é entendida como o elemento central de análise do processo de

organizar (*organizing*) em que o pressuposto principal é que as organizações se constituem em torno das suas práticas sociais cotidianas” (BISPO, 2014, p.162).

Bispo e Godoy (2012b) ressaltam que é necessário um esforço em olhar as organizações enquanto campos simbólicos e estéticos nas quais as pessoas vivem em constante interação. Essa mediação pode ser realizada por meio da construção de significados da linguagem (HATCH; YANOW, 2003) e pelo conhecimento sensível (STRATI, 2007) das atividades cotidianas.

Gherardi (2009b) destaca que as organizações são o resultado de suas práticas e que estas últimas se originam em um processo de partilha de intersubjetividades em que o julgamento estético é referência para o agir da organização. Para a autora, portanto, torna-se essencial considerar o processo de organizar em vez de assumir a organização como um sistema separado e fechado.

De acordo com Gherardi (2006), a conexão entre os atores sociais na ação permite compreender a textura organizacional, ou seja, as organizações são formadas a partir das práticas coletivas dos atores (humanos e não-humanos) e do conjunto de práticas que formam essa textura no cotidiano. Assim, para Gherardi (2009b) as práticas são constantemente refinadas através do processo de tomada de gosto (*taste-making*) que promove a continuidade e a dinamicidade dessas práticas como fenômenos emergentes.

A partir do entendimento da dinamicidade dos processos organizativos e das práticas desempenhadas pelos diversos atores (humanos e não-humanos), intenta-se neste trabalho pesquisar a greve em uma biblioteca universitária, buscando um novo olhar nas pesquisas organizacionais da área. Grande parte das pesquisas sobre bibliotecas universitárias apresenta-se segundo uma abordagem tradicional e instrumental. Essas constatações podem ser verificadas no próximo item, na qual detalharemos os estudos desenvolvidos, buscando instigar novas perspectivas e possibilidades de entendimento das práticas desempenhadas nas bibliotecas universitárias.

2.3 Estudos sobre Bibliotecas Universitárias em Instituições Públicas: Limitações e um Caminho Alternativo

Os estudos desenvolvidos sobre o contexto da biblioteca universitária comumente adotam uma abordagem tradicional, instrumental, afastando-se da abordagem defendida neste trabalho. Entende-se como abordagem tradicional, as pesquisas que apresentam padrões e/ou normas a serem seguidas, que determinam passos para o alcance de um determinado objetivo prescritivo, não fornecendo espaço para compreensão das particularidades e dinamicidade do cotidiano.

Com o intuito de identificar aspectos contextuais que envolvem as bibliotecas universitárias, neste trabalho optou-se por articular alguns estudos voltados para essa perspectiva tradicional da área. Nesse sentido, Fisher e Rowley (1994) ao pesquisarem sobre a gestão de informação e a gestão de sistemas de bibliotecas destacam a importância em reconhecer que cada organização almeja moldar seu sistema de informação para a gestão de acordo com as suas próprias necessidades.

Ainda segundo Fisher e Rowley (1994), alguns fatores que influenciam a concepção de sistemas de informação de gestão estão presentes em quaisquer organizações, dentre estas as bibliotecas universitárias, quais sejam: a função principal da organização (por exemplo, o público e acadêmico); a estrutura e os níveis da organização; o grau de centralização ou descentralização da gestão; a interação com o meio ambiente e a importância da informação externa (por exemplo, a influência da política governamental, indicadores econômicos e outras tendências).

Além desses fatores eles destacam as seguintes influências sobre a gestão da informação em bibliotecas: as decisões que precisam ser tomadas e sua previsibilidade, urgência e nível de incerteza; a escala de operação ou o número de transações; o estilo de gestão, participativa ou autoritária; a utilização da tecnologia da informação e disponibilidade de equipamentos e o planejamento formalizado (FISHER; ROWLEY, 1994).

Deixando clara a perspectiva prescritiva na qual os diversos estudos sobre o campo se inserem, autores como Sánchez Ambriz e Flores Paredes (2013), defendem que para lidar com a complexa relação entre esses fatores há a necessidade de construir modelos próprios de organização. No entanto, os autores

ênfatizam que os processos de gestão, desenvolvimento e sistematização das Bibliotecas Universitárias na América Latina não são baseados em modelos próprios de organização, de acordo com a sua particularidade e cultura.

Ainda segundo uma perspectiva tradicional e prescritiva nas Ciências da Informação, Nazim e Mukherjee (2013) ressaltam que emerge nas últimas décadas uma literatura que aborda explicitamente a Gestão do Conhecimento (Knowledge Management) a partir da perspectiva da biblioteconomia. A Gestão do conhecimento, segundo os autores citados, “visa planejar e gerenciar a criação, o compartilhamento, a coleta e o aproveitamento do conhecimento como um ativo organizacional” (NAZIM; MUKHERJEE, 2013, p. 64, tradução nossa).

Esse debate tradicional da área pensa a Gestão do Conhecimento como uma abordagem planejada e estruturada para gerenciar a criação, o compartilhamento, a coleta e o aproveitamento do conhecimento como um ativo organizacional. Além disso, na visão dos autores possibilita melhorar a habilidade, a rapidez e eficácia da organização na prestação de produtos ou serviços para o benefício dos clientes, de acordo com a estratégia de negócios.

Ainda segundo Nazim e Mukherjee (2013), devido ao aumento do foco em relação à Gestão do Conhecimento sobre as pessoas e os seus conhecimentos, alguns pesquisadores (e.g. MARTIN, 2008; SINOTTE, 2004; WILSON, 2002) destacam a criação de redes de conhecimentos sociais, tais como fóruns on-line, grupos de discussão e comunidades de prática para a partilha de conhecimento. A partilha de conhecimentos e de comunicação como parte da Gestão do Conhecimento pode ser realizada por meio de conversas, contação de histórias, *mentoring* e aprendizado como importantes métodos de partilha de conhecimentos entre bibliotecários e usuários de bibliotecas (NAZIM; MUKHERJEE, 2013).

Diversos autores revelam, de diferentes maneiras no passado, que essa dinâmica na transmissão do conhecimento já afetava as práticas que os autores associavam aos bibliotecários. Por exemplo, Frank et al. (1999) buscam explicar as diferentes relações presentes na prática realizada no serviço de referência quando discutem a evolução deste serviço nos anos 1980 a 1995. Os autores identificam os seguintes períodos (FRANK et al, 1999, p. 151, tradução nossa):

- período clássico: é definido por uma preocupação acentuada com o controle. “Os papéis e responsabilidades dos bibliotecários são bem definidos e as expectativas são formalmente descritas assim como desvios em tais expectativas são limitados”. Além disso, a criatividade e a inovação são essencialmente controladas e a busca por riscos não é valorizada;
- período experimental: “é caracterizado por novas teorias e abordagens que visam redefinir a estrutura organizacional, liderança e modelos de serviço da biblioteca na era tecnológica”. Representa um momento de grande experimentação e incerteza na biblioteconomia como profissão;
- período eclético: caracteriza pela escolha do que considera-se melhor nas diversas fontes, sistemas ou estilos de serviços da biblioteca. Evidencia “um período de mudança em curso e por um híbrido de arquétipos de referência” e pode-se ampliar para a biblioteconomia na atualidade.

A delimitação apresentada anteriormente demonstra uma visão fechada e restritiva das abordagens desenvolvidas nos estudos organizacionais nas bibliotecas, em especial nas bibliotecas universitárias. Essas perspectivas buscavam definir de maneira homogênea e *a priori* o que todos os bibliotecários faziam em determinadas épocas.

Somada a essa delimitação, Barbosa e Franklin (2011, p. 90) acrescentam que na atualidade, existe uma “tensão social para que as instituições de ensino (públicas ou privadas) sejam eficazes na prestação do serviço ou produto que entregam aos usuários bem como eficientes no uso dos recursos, usando-os de modo rentável e produtivo”. As tecnologias de informação incorporadas às universidades e as bibliotecas universitárias, segundo os mesmos autores, imprime qualidade nos serviços e nos atendimentos aos usuários.

A partir do exposto, torna-se importante ressaltar que, mesmo que algumas características apontadas por esses autores possam surgir no contexto do cotidiano investigado neste trabalho, esses aspectos não devem limitar e demarcar a visão sobre o fenômeno estudado. Desta forma, busca-se ir além da visão homogênea,

proposta pelos autores citados, ao discutir o processo organizativo da greve em uma biblioteca universitária. A oposição a homogeneidade refere-se ao reconhecimento do potencial produtor dos atores, bem como o surgimento de uma infinidade de tecnologias (atores não humanos) que passam a fazer parte das práticas e do seu potencial de produzir outras práticas.

Para Chan e Spodick (2014) a biblioteca universitária pode ser pensada como um espaço que representa várias demandas, quais sejam: espaço de aprendizagem e pesquisa; espaço social de colaboração; espaço cultural e de inovação bem como um espaço flexível (um mobiliário que possa ser adaptado a vários usos, por exemplo) e como uma plataforma aberta, que permita organizar funções e atividades de aprendizagem às necessidades dos usuários. Ao pensar sobre a perspectiva desses autores pode-se iniciar uma discussão sobre o papel que a realidade virtual (informação a qualquer hora e em qualquer lugar) desempenha atualmente nas bibliotecas e universidades públicas e, conseqüentemente, quais são as implicações disso para processos organizativos como o da greve.

Barbosa e Franklin (2011, p. 91) contribuem com duas políticas que se intensificam nas bibliotecas universitárias. Primeiro, o princípio do *open access*, que consiste em “defender uma política de incentivo à visibilidade e acesso livre à informação científica disponível na rede” e, segundo, o fenômeno da desmediação, que caracteriza-se pela “autonomia do usuário no ato de busca e recuperação da informação desejada”. Desta forma, as soluções de interatividade, interoperabilidade e hipertextualidade da internet concorrem com desenvoltura para que o fenômeno da desmediação se viabilize.

Portanto, faz-se necessário refletir sobre as práticas desempenhadas pelos diversos atores envolvidos e, especificamente nesta pesquisa, a prática da greve no contexto das universidades públicas federais. Assim, ao estudar processos organizativos realizados em uma biblioteca universitária, pode-se identificar tanto atores humanos (técnicos administrativos, professores, alunos, sociedade, etc.) como atores não-humanos (computadores, sistemas, pontos-eletrônicos, livros, leitores magnéticos, entre outros) que constituem e influenciam estes processos desempenhados em um contexto que é dinâmico, ou seja, está em constante transformação.

Demonstra-se, a partir do exposto, que as pesquisas desenvolvidas na Ciência da Informação apresentam limitações ao estudarem bibliotecas universitárias que podem ser contornadas por meio do foco no processo organizativo aqui proposto. Primeiramente, destaca-se a tentativa em delimitar as ações dos bibliotecários a determinados períodos, ou seja, homogeneizar as práticas desempenhadas por seus atores no decorrer do tempo. Soma-se também o fato de não incluir outros atores envolvidos, como os não-humanos (computadores, sistemas informatizados, mobiliários, entre outros) que ampliam a visão sobre as práticas desempenhadas no contexto das bibliotecas. Além disso, a abordagem tradicional desses estudos utiliza a concepção de modelos e padrões que são ampliados para todas as realidades.

Com este panorama, o intuito desta pesquisa é ampliar a visão da área de biblioteconomia, especialmente nos estudos organizacionais voltados para as bibliotecas universitárias. As abordagens construcionistas surgem assim como uma possibilidade de ganho ao serem utilizadas nesses estudos, pois possibilitam compreender como as instituições se desenvolvem dentro de um processo contínuo. Portanto, para Czarniawska (2003), os estudos organizacionais voltados para uma abordagem construcionista permitem a ampliação dos objetos estudados e exigem uma mudança de foco no tempo e no espaço.

A abordagem construcionista, ainda segundo Czarniawska (2003), contribui para a construção de novas estruturas, emoções, serviços, instituições, produtos e identidades. A autora destaca também que o pesquisador torna-se livre para perceber o inesperado e não intencional, sem decidir de antemão o que deve ser construído.

Para Gherardi e Nicolini (2001) as características do construcionismo são a contingência, a negociação, a quebra, a descontinuidade, a heterogeneidade e a fragmentação. Assim, em uma abordagem construcionista a aprendizagem organizacional é vista como situada; o conhecimento é visto como resultado de negociações, rupturas e descontinuidades e o conhecer é visto como heterogêneo e fragmentado. O processo de aprendizagem pode ser mais bem entendido quando está localizado nos domínios do conhecimento, da linguagem e interpretação da ação e seus resultados.

Conforme Chanlat (2011), o lugar de trabalho é um lugar de socialização e de encontros, o espaço constitui-se como um dos elementos do enquadre da ação humana e é indissociável do tempo. As organizações enquanto construção humana não escapam a esse imperativo temporal. O tempo não é somente uma dimensão objetiva e mensurável, é também subjetivo e qualitativo. Ao tempo objetivo da organização responde o tempo subjetivo dos indivíduos, o qual é também um tempo social (CHANLAT, 2011).

Corroborando com o entendimento sobre a construção social da realidade que vai além da concepção voltada para os atores humanos, Bispo (2015a) destaca que as teorias da prática oferecem a oportunidade de reinterpretar os fenômenos organizacionais. Para o autor: "Ele só deixa espaço para fenômenos sociais, incluindo práticas, que são entendidas como uma relação entre humanos e não-humanos. Assim, os objetos e artefatos também têm agência na construção social" (BISPO, 2015a, p. 313).

O autor ressalta que, para identificar uma prática, é necessário observar e entender sua dinâmica (processo). Além disso, a abordagem da prática acessa elementos não-humanos (objetos, materiais, etc.) que possibilitam enxergar o mundo enquanto uma realização complexa e contínua no cotidiano.

Assim, com o intuito de ampliar as possibilidades dos estudos organizacionais na biblioteconomia, a abordagem construcionista e os Estudos Baseados na Prática surgem como uma alternativa aos modelos tradicionais e prescritivos de pesquisa na área. Alguns autores sugerem que esta perspectiva mais dinâmica permite ampliar as discussões sobre as temáticas ligadas as bibliotecas e a aprendizagem.

Cavanagh (2005), por exemplo, sugere que a perspectiva do *Sensemaking* possibilita o conhecimento dos múltiplos significados que são socialmente construídos e compartilhados nas bibliotecas. A mesma autora, em outro artigo, apresenta a teoria ator-rede como uma abordagem que permite preencher algumas lacunas de investigação no serviço de referência das bibliotecas. Para Cavanagh (2013) é importante considerar os diversos atores nas práticas cotidianas bem como entender as práticas como um processo.

Outras contribuições são as de Henrich e Attebury (2010), que apresentam a abordagem das Comunidades de Prática (CoP) na Universidade de Idaho. O intuito é partilhar conhecimentos entre os bibliotecários e, conseqüentemente, promover a colaboração no desenvolvimento de pesquisas naquela universidade.

Kymes e Ray (2012), descrevem a CoP com o objetivo de contribuir para a participação dos bibliotecários escolares no ensino à distância em áreas rurais. Miller (2011) sugere a CoP como uma maneira de desenvolver conhecimentos gerais e específicos para os bibliotecários de referência. Semelhantemente, Attebury et al. (2013) e Broughton (2014) exploram como as Comunidades de Prática podem ou não funcionar nas bibliotecas acadêmicas.

Somadas às diversas possibilidades de abordagens de pesquisas surgem também temáticas de estudo que podem contribuir para o entendimento da dinamicidade organizacional, como por exemplo, o contexto de uma greve. Para Viana (2007), a greve possibilita perceber aspectos como a solidariedade e o sentimento de classe. Segundo o autor: “Os trabalhadores correm os mesmos riscos e se identificam na mesma esperança e, com isso, (re)encontram-se numa outra dimensão, reconhecendo-se de maneiras diferentes” (VIANA, 2007, p. 253).

Em virtude do exposto, esta pesquisa visa perceber as rupturas, descontinuidades e negociações presentes em uma greve. Ao revelar a realidade heterogênea e dinâmica do processo organizativo da greve em uma biblioteca universitária, busca-se descortinar as práticas desempenhadas em uma situação “fora da normalidade”. Em um primeiro momento, faz-se necessário contextualizar a greve nas Universidades Federais Brasileiras, para então apresentar os aspectos metodológicos e análises deste estudo.

2.3.1 A Greve no Contexto das Universidades Federais Brasileiras

Para Viana (2007, p. 239), a greve consegue ser muitas coisas de uma só vez: “é momento de liberdade, de pausa, de rebelião e de sonho; tem traços de homem e de mulher; arroubos de jovem e racionalidade de adulto. Exatamente por isso, as leis estão sempre tentando captura-la, e ela sempre busca fugir”.

Historicamente, ainda segundo Viana (2007, p. 239), “a greve tem sido a grande arma dos sindicatos não só para criar direitos, como para torná-los mais eficazes; e não apenas para fins trabalhistas, mas para a promoção das classes oprimidas em geral”. Além disso, a greve constitui-se como um meio de conversa e de denúncia. Através dela, os trabalhadores contam à sociedade o que se passa entre as quatro paredes da empresa e revelam ao empregador o grau de sua indignação. Em troca, recebem dos empregadores, palavras ou gestos de apoio ou indiferença, revolta ou retaliação.

Segundo o entendimento de Silva (2014), a greve é um fato social que deve ser examinado hoje sob a perspectiva da atuação coletiva dos trabalhadores. Essa atuação coletiva visa a paralisação das atividades produtivas com o intuito de exteriorizar a insatisfação com as condições de trabalho bem como buscar a negociação e o atendimento de reivindicações de uma ou mais categorias.

Ainda de acordo com Silva (2014, p. 213), a garantia do direito de greve se mostra “como uma medida indispensável à sustentação da negociação coletiva, pois tem como objetivo fundamental estabelecer o equilíbrio de forças no desenrolar do processo negocial”. No entanto, o autor ressalta que o exercício do direito de greve no setor público aguarda regulamentação desde 1989 e que, diante da omissão do Congresso Nacional sobre o tema, o Supremo Tribunal Federal determinou a aplicação da lei prevista para o setor privado (Lei nº 7783/89) com as devidas adaptações.

Outro aspecto que necessita ser legislado refere-se ao ordenamento mais efetivo da negociação coletiva no setor público. Para Silva (2014), não basta assegurar o direito de greve ao servidor público se não existirem mecanismos que garantam a efetiva negociação por parte da Administração.

Estudos levantados por Silva (2014) trazem um balanço das greves no Brasil no ano de 2013: das 873 paralisações pesquisadas, 461 foram no setor privado (53%) e 409 no setor público (47%). Em termos de horas paradas destaca-se 21,2 mil horas no setor privado contra 65,4 mil horas no setor público e com relação à duração das greves, 30% foram de um dia, 60% de até cinco dias, e 11,6% se prolongaram por mais de trinta dias. As greves mais prolongadas (87 de um total de 101) aconteceram na esfera pública. Esses dados, segundo o autor: “revelam a maior dificuldade do setor público em lidar com os movimentos grevistas, tornando as paralisações mais longas tendo em vista a resistência do administrador público em negociar com os trabalhadores” (SILVA, 2014, p. 217).

Outro fator relevante para a prática da greve nas universidades federais brasileiras refere-se a redução dos recursos. Lucas e Leher (2001) apontam que os recursos destinados às instituições de ensino superior seguem uma trajetória descendente. Ao mesmo tempo acentuam que não para de crescer o número de estudantes matriculados, a quantidade de cursos de graduação e pós-graduação e as necessidades de materiais, instalações e equipamentos, em razão do próprio desenvolvimento científico e tecnológico.

De maneira complementar, Balardin e Nishimura (2012) revelam que o Brasil investe hoje menos de 5% do Produto Interno Bruto em educação. Segundo os autores este número é insuficiente para garantir a qualidade necessária à formação acadêmica brasileira e deixa o país no 84º lugar no índice de desenvolvimento humano (85º lugar em 2015) apesar de estar na 6ª posição no ranking dos maiores PIBs (8ª posição em 2015).

A partir da redução gradual dos recursos destinados as universidades, Lucas e Leher (2001) citam a progressiva substituição de mão-de-obra regulamentada sob o Regime Jurídico Único. Por meio de terceirizações na área da educação, o Estado tem contribuído com a mudança gradativa dos trabalhadores para o Regime Celetista (CLT). Esse fato colabora também para o caráter temporário dessas ocupações e gera uma relação de trabalho marcada pela provisoriedade, incerteza e precariedade (LUCAS; LEHER, 2001).

Deste modo, o que se observa, segundo Mattos (2013, p. 137) são: “salas de aula superlotadas, escassez de laboratórios, bibliotecas e outras instalações essenciais, pois a expansão física das universidades já existentes foi (e continua a ser, devido a crise econômica nacional) muito limitada”. Com base nos fatores expostos acima, Mattos (2013) relata que a categoria docente universitária brasileira (e ampliamos também para a categoria dos técnicos administrativos) possui uma história já longa de movimentos grevistas, iniciada na década de 1980. Porém, desde 2005 não acontecia uma greve nacional e desde 2001 não havia uma mobilização com dimensões comparáveis as do movimento da greve de 2012 que durou quase quatro meses e incluímos a greve do ano de 2015, com duração de cerca de quatro meses.

Colares e Sindeaux (2013) destacam que a greve de 2012 surgiu do descontentamento das categorias (técnicos administrativos e professores) em relação a atual situação do ensino e das Universidades. Dentre as reivindicações dos servidores no movimento grevista das universidades federais em 2012 citam-se: a defesa da carreira, buscando melhorias nas condições de trabalho e contra a precarização da atividade (MATTOS, 2013), melhor remuneração (MATTOS, 2013), questões relativas à infraestrutura e expansão desordenada proporcionada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI implantado pelo Governo Federal além, do aumento de recursos para apoio às atividades de pesquisa e extensão, plano de carreira entre outros pontos (COLARES; SINDEAUX, 2013).

No ano de 2014 a pauta dos técnicos administrativos dos institutos de educação e universidades federais permanece com as principais solicitações anteriores, quais sejam: o cumprimento integral do acordo da greve de 2012; o aprimoramento da carreira; a ascensão funcional e o reposicionamento dos aposentados. Além disso, demandava que os turnos de trabalho fossem contínuos e com jornada de 30 H (jornada prevista por decreto presidencial mas não oficializada pelas universidades para todas as categorias); a revogação da Lei da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares - EBSEH, com concurso público pelo Regime Jurídico Único; a isonomia e valorização dos benefícios

entre os três poderes e a construção e reestruturação das creches nas universidades (SINDICATO, 2014).

Após três meses de pouca negociação na greve de 2014 junto ao Governo Federal, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) determinou, em medida liminar, a suspensão da paralisação dos professores e técnicos administrativos dos institutos de educação e universidades federais. Esta medida fez com que grande parte das instituições aprovasse o término da greve e retornasse suas atividades (FEDERAÇÃO, 2014).

Porém, nos informes de 2014 a Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil - Fasubra destaca que, mesmo com o fim da greve, ocorreram avanços em itens da pauta. Um desses itens refere-se a negociações pelos turnos contínuos e a redução da jornada que, segundo a Fasubra, progrediu significativamente nesse período e, embora as conversas ocorressem mais entre os sindicatos de base e as reitorias de cada universidade, tratava-se de um ponto da pauta nacional com possibilidades de conquista em cada instituição (FEDERAÇÃO, 2014).

O ano de 2015 no Brasil não é diferente e inicia-se com grandes cortes orçamentários nas universidades federais e ausência de negociação, por parte do governo federal para reposição das perdas salariais dos técnicos administrativos. Com a crise econômica nacional agravada, a categoria dos técnicos administrativos (cerca de 67 instituições) e professores (41 instituições) é mais uma vez direcionada para a deflagração da greve que, torna-se efetiva a partir de 28 de maio de 2015 e perdura por quatro meses (SINDICATO, 2015).

Em nível internacional, a temática da greve é tratada sobre alguns pontos de vista que se aproximam dos artigos publicados no Brasil. Fiet (2011) retrata a greve sob o ponto de vista dos estudantes, ocorrida na Universidade de Porto Rico. O autor relata os protestos dos discentes contra as medidas governamentais daquele país que, reduziram o financiamento das universidades e geraram dificuldades de acesso a novas fontes de investimento. A pesquisa apresenta imagens das atividades desenvolvidas pelos estudantes durante as paralisações, especialmente nas ruas, para chamar a atenção do governo e dos meios de comunicação.

Semelhantemente ao artigo de Fiet (2011), Fiksenbaum et al. (2012) pesquisam as percepções e experiências dos estudantes antes, durante e após uma greve de 12 semanas em uma universidade canadense. O estudo demonstra mudanças nas atitudes, emoções e comportamentos dos discentes e relata a importância de conhecer os impactos dessas mudanças na vida acadêmica dos alunos.

Já no estudo de Bonin e Harrison (2008) o objetivo foi identificar os fatores que influenciam na confiança entre gestores e colaboradores sindicalizados em uma greve de longa duração. Além disso, buscam debater formas de reconstruir esta confiança entre as partes envolvidas em uma situação de conflito, como é o caso da greve.

Na pesquisa de Amadi e Precious (2015), realizada na Universidade de *Rivers State*, Nigéria (África), os autores buscaram identificar as causas das ações da greve, bem como compreender essas ações associadas ao sistema de ensino. Dentre as principais causas de reivindicação dos trabalhadores (entende-se técnicos) cita-se: o descontentamento com a qualidade do ensino na universidade, a dificuldade de negociação salarial entre governo e trabalhadores, a necessidade de ampliação dos recursos e a autonomia universitária. Para os alunos da universidade figuram como principais reclamações: as instalações inadequadas (salas de aula, bibliotecas, por exemplo), questões relacionadas à alimentação (custo e qualidade) e questões relacionadas a infraestrutura do campus (alojamentos, transporte, iluminação e fornecimento de água). Para os professores é necessária a melhoria nas condições de trabalho como: salários e benefícios, ambiente de trabalho, horas de trabalho, entre outros.

Ainda segundo Amadi e Precious (2015), identificam-se como efeitos negativos da greve: o atraso no calendário acadêmico e, conseqüente, atraso na conclusão do curso por parte dos alunos. Somado a isso, a ociosidade dos discentes que perdem o ritmo de estudos, promovendo o desestímulo e afetando o desempenho acadêmico dos alunos. Para os técnicos e professores cria-se um sentimento de desânimo, estresse e insegurança em relação aos rumos tomados a partir da deflagração da greve. No entanto, um fator positivo citado pelos autores é que a greve pode levar a um pensamento crítico e, especialmente, em um ambiente

acadêmico, torna-se relevante formar cidadãos críticos que lutem por melhorias no sistema educacional.

Já o propósito da pesquisa desenvolvida por Bojabotseha e Moloji (2013) foi analisar a recorrência das greves, tendo como base uma universidade pública de tecnologia na África do Sul. Os autores concentraram-se em uma greve que aconteceu em novembro de 2011 e demonstraram a insatisfação dos trabalhadores com a gestão da instituição e com as condições de trabalho.

As demandas levantadas por Bojabotseha e Moloji (2013) se assemelham ao observado nas greves brasileiras, quais sejam:

- demonstrar insatisfação geral ou especial com a gestão;
- demonstrar a força coletiva dos trabalhadores;
- pressionar a gestão a comprometer-se com questões relacionadas a categoria;
- reforçar a posição ou a reputação de uma união de trabalhadores;
- exibir solidariedade com outras categorias que apresentam as mesmas demandas.

Alguns estudos apresentam também a temática da greve sob o ponto de vista econômico (JIMÉNEZ-MARTIN, 2006), político-organizacional (BARNETSON, 2010; SHUFFELTON, 2014) e/ou sociedade civil (RHOMBERG, 2010). Outras pesquisas apontam para determinantes individuais de participação em greves, ou seja, relacionam como as partes compartilham a negociação coletiva (conceito de justiça organizacional), tratado, por exemplo, por Cloutier, Denis e Bilodeau (2013).

Percebe-se, após a leitura dos artigos nacionais, que a greve é pesquisada por meio de relatos e reivindicações demandadas nas paralisações, bem como apresentada segundo os aspectos legais e históricos da temática (LUCAS; LEHER, 2001; BALARDIN; NISHIMURA, 2012; MATTOS, 2013; COLARES; SINDEAUX, 2013; SILVA, 2014). No caso da literatura internacional, a abordagem se assemelha ao Brasil, no que tange aos aspectos econômicos, políticos e sociais da temática. No entanto, alguns autores internacionais retratam com mais profundidade algumas particularidades relacionadas com a greve, quais sejam: atitudes, emoções e

comportamentos dos discentes em relação a paralisação; experiências e relatos dos gestores das organizações em greve; justiça social e construção de confiança entre as partes envolvidas em uma situação de conflito.

Dentre os artigos sobre a temática da greve analisados não foi identificado nenhum inserido na abordagem dos Estudos Baseados na Prática (EBP). Deste modo, esta pesquisa busca disseminar as contribuições dessa ótica para os estudos desenvolvidos sobre a temática da greve no contexto brasileiro. A partir dessa ótica esses estudos oferecem contribuições sobre o entendimento dos processos organizativos presentes na prática da greve no contexto de uma biblioteca universitária.

Mas por que usar a(s) prática(s) como unidade(s) de análise nos estudos organizacionais? Esta pergunta foi feita por Gherardi (2012, p. 2, tradução nossa) onde a mesma indica que: “a resposta mais simples é que as práticas são locais, espaciais e temporais, nas quais o trabalho, o *organizing*, a inovação e a reprodução ocorrem a todo instante”. Conseqüentemente, segundo a autora, quando estudamos as práticas, o pesquisador está interessado “em entender como elas são vistas ‘de dentro’, quais as concepções e discussões sobre o modo de praticar de um conjunto de atividades e como a sociedade é produzida e reproduzida por meio das práticas” (GHERARDI, 2012, p. 2-3, tradução nossa).

Assim, ao estudar a greve, sob a lente dos Estudos Baseados na Prática (EBP), intentou-se enxergar “por dentro” sobre os modos de agir e desempenhar da prática. Essa compreensão foi possível em virtude da pesquisa ter acontecido durante o andamento da greve, ou seja, no agir em prática dos atores em greve. Esse fato permitiu também entender que os processos organizacionais da greve são dinâmicos e se reproduzem e se inovam a cada desempenhar no tempo e no espaço por meio das inter-relações e da processualidade da prática.

A dinamicidade dessas práticas nas bibliotecas universitárias pode ser compreendida, por exemplo, segundo Latimer (2011), a partir do aumento no uso das tecnologias da informação e dos recursos eletrônicos que permite as bibliotecas e, conseqüentemente, aos seus diversos atores, atuarem de forma mais flexível e fluída. A ação desses atores na atualidade não é mais definida apenas pela

presença das coleções impressas, mas pelo acesso e interação existente entre os usuários, a biblioteca e seus funcionários.

Em consonância com o exposto anteriormente, Gherardi (2009, p. 545) ressalta que: “[...] as práticas são realizadas graças à capacidade de coordenação tácita no cerne da ação e através da capacidade dos participantes de manterem uma posição compartilhada em relação ao objeto da prática”. Nesse sentido, percebe-se que na prática da greve, muitas são as ações realizadas tacitamente e que permitem compreender a flexibilidade e as relações de compartilhamento entre diversos atores.

Portanto, entendendo a dinamicidade das práticas que acontecem nas bibliotecas universitárias e também a recorrência das greves nas universidades federais brasileiras, este trabalho busca compreender a construção social que ocorre neste contexto. Assim, esta pesquisa visa revelar o processo organizativo que constitui a greve para os atores envolvidos. Para o alcance deste objetivo utilizou-se alguns conceitos-chave da Etnometodologia, que servem como subsídio teórico para compreensão desta prática em uma organização ligada à informação.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa utiliza a abordagem qualitativa que, de acordo com Creswell (2007), possibilita uma maior interpretação por parte do investigador. Este último em geral, envolve-se em uma experiência intensiva com os participantes.

Segundo Gibbs (2009), a pesquisa qualitativa visa entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais *de dentro* de diversas maneiras diferentes: seja analisando experiências de indivíduos ou grupos (as experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas cotidianas ou profissionais e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia); ou examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo e ainda investigando documentos (textos, imagens, filmes ou música) ou traços semelhantes de experiências ou interações.

Para Flick (2009), a pesquisa qualitativa parte da noção de construção social das realidades. Essa pesquisa está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo.

Quanto ao caminho teórico-metodológico adota-se como foco os processos organizativos em conjunto com a etnometodologia. Os processos organizativos são entendidos nesta pesquisa enquanto algo que é construído e transformado a todo instante no cotidiano e que permitem serem articulados entre sujeitos (indivíduo, coletividade, organização e instituição) e objetos, também denominados de artefatos, ambos em torno de uma prática (GHERARDI, 2006).

Do mesmo modo, a etnometodologia é utilizada como uma possibilidade para compreender os fenômenos organizacionais do cotidiano, sendo pautada nas práticas dos atores sociais (BISPO; GODOY, 2014). Os dois conceitos são vistos como processuais, ou seja, apresentam-se como algo que é dinâmico, que transforma-se a todo instante.

Conforme Psathas (2004), a etnometodologia refere-se à “metodologia de todo dia”, constituindo-se na junção de *ethno*, que significa membro de um grupo ou do próprio grupo em si e *metodologia* que se refere aos métodos dos membros. Assim, a etnometodologia diz respeito às efetivas práticas situadas.

Rawls (2008, p. 712, tradução nossa) salienta a atenção que o pesquisador deve ter em relação aos “métodos que os sujeitos utilizam para fazer algo inteligível”, isto é, para realização das práticas cotidianas, não havendo espaço para concepções *a priori*. Garfinkel (2006) denomina esse processo de indiferença etnometodológica que, implica no analista (pesquisador) suspender todos e quaisquer compromissos com versões privilegiadas da estrutura social em favor do estudo de como os participantes criam, reúnem, produzem e reproduzem as estruturas sociais para as quais se orientam.

Importante ressaltar também que no início da pesquisa não havia uma prática definida *à priori* para observação e compreensão por parte da pesquisadora. A partir da observação participante, das conversas informais e da mudança no contexto do cotidiano observado, foi possível identificar os processos organizativos desempenhados na prática da greve. Esta última, realizada por atores humanos e não-humanos, no cotidiano de uma universidade.

Deste modo, a etnometodologia constitui-se como uma possibilidade relevante de estudo sobre a natureza das organizações. Organizações aqui entendidas enquanto produtos que surgem a partir das interações dos sujeitos e pautadas em um contexto intersubjetivo de compartilhamento de significados de uma realidade socialmente construída (BISPO; GODOY, 2014).

Oliveira et al. (2010) ressaltam que a investigação etnometodológica nos estudos organizacionais permite pensar as organizações enquanto produtos de uma realidade socialmente construída. Essa realidade faz parte de um “contexto intersubjetivo de compartilhamento de significados”, constituída por pessoas em suas práticas cotidianas em um processo constante de construção e reconstrução (OLIVEIRA et al., 2010, p.143). Do mesmo modo, Gherardi (2001, 2009a) enfatiza que, no contexto das organizações, a etnometodologia possui uma base teórica alinhada com os pressupostos dos Estudos Baseados em Prática e que contribui em sua investigação empírica.

De acordo com Maynard e Clayman (1991) a etnometodologia destaca as atividades práticas pelas quais os atores produzem e reconhecem nas circunstâncias em que estão inseridos, devido ao sentido que essas práticas têm

para esses atores. Ocorre assim também uma preocupação com o compartilhamento de significados e a interação entre os sujeitos.

Segundo Coulon (1995), a abordagem etnometodológica utiliza-se de 5 (cinco) conceitos chaves, quais sejam: a prática/realização; a indicialidade; a reflexividade, a accountability e a noção de membro. A descrição teórica dos conceitos etnometodológicos são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Descrição Teórica dos Conceitos Etnometodológicos

| Conceito | Descrição teórica do conceito (continua) |
|--------------------|--|
| Prática/Realização | “Aborda as atividades práticas dos membros que revelam as regras e os modos de proceder, ou seja, a observação atenciosa e a análise dos processos aplicados nas ações permitem pôr em evidência os modos de proceder pelos quais os atores interpretam constantemente a realidade social, inventam a vida em uma permanente bricolagem. Em suma, como fabricam um mundo “racional” a fim de nele poderem viver” (p. 29-32). |
| Indicialidade | “Refere-se a um termo técnico adaptado da linguística. O uso de uma palavra denota significados distintos em toda situação particular em que é usada. Assim, para a sua compreensão profunda é necessário que os indivíduos vão além das informações que lhe são dadas. A linguagem natural não pode fazer sentido independentemente das suas condições de uso e de enunciação. A indicialidade significa igualmente dizer que o sentido é sempre local e não tem generalização possível” (p. 33). |
| Reflexividade | “Designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social, isto é, a reflexividade pressupõe que as atividades pelas quais os membros produzem e administram as situações de sua vida organizada de todos os dias são idênticas aos procedimentos usados para tornar essas situações descritíveis” (p. 41). |

| Conceito | Descrição teórica do conceito (conclusão) |
|-----------------------|--|
| <i>Accountability</i> | <p>“Dizer que o mundo social é <i>accountable</i> significa que ele é algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável e analisável. Essa analisabilidade do mundo social, a sua descritibilidade e sua objetividade se mostram nas ações práticas dos atores [...]. O mundo se realiza em nossos atos práticos” (p. 45-46)</p> |
| Noção de membro | <p>“Tornar-se um membro significa filiar-se a um grupo, a uma instituição, o que exige o progressivo domínio da linguagem institucional comum. [...] Uma vez ligados à coletividade, os membros não tem necessidade de se interrogar sobre o que fazem. Conhecem as regras implícitas de seus comportamentos e aceitam as rotinas inscritas nas práticas sociais. [...] Um membro é uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de <i>savoir-faire</i>, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca” (p. 48)</p> |

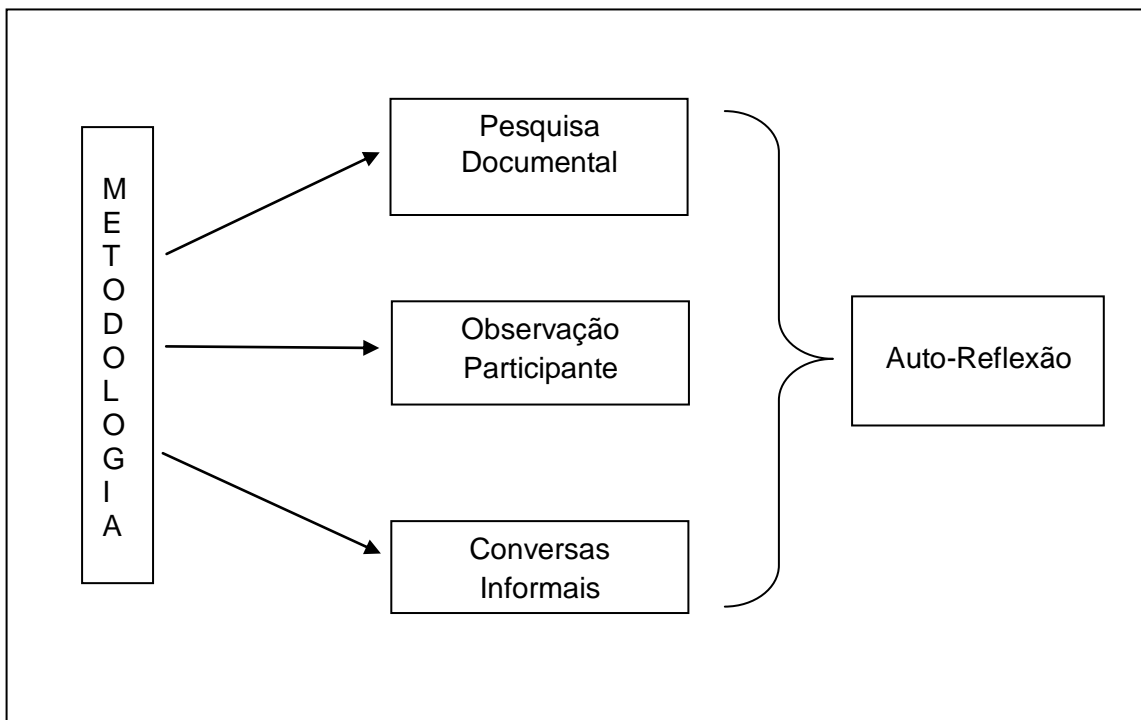
Fonte: Elaborado a partir de Coulon (1995, p. 29-48)

A partir do entendimento dos conceitos-chave da etnometodologia, intenta-se que os mesmos, possam contribuir no estudo sobre a greve no contexto de uma biblioteca universitária. Deste modo, pretende-se abordar as atividades desempenhadas pelos membros dessa prática, o significado que estes membros atribuem e a maneira como descrevem e refletem sobre suas ações. Da mesma maneira, vislumbra-se conhecer a dinamicidade dos comportamentos de uma coletividade ao realizarem uma prática e a inserção e/ou exclusão de um membro, o que lhe confere ou não a noção de membro em uma determinada prática.

3.1 Coleta de Dados

Para revelar as interações e os compartilhamentos de significados que ocorrem a partir das práticas, utilizou-se como técnicas de coleta de dados: análise documental, observação participante e conversas informais, conforme observa-se na Figura 1.

Figura 1 – Etnometodologia enquanto método



Fonte: Adaptado de Bispo e Godoy (2012a, p. 12)

Inicialmente essas técnicas foram utilizadas em uma biblioteca universitária e, posteriormente, estendidas aos discentes da referida universidade. A partir das técnicas de coleta de dados citadas, foi possível evidenciar as ações realizadas durante a greve em uma biblioteca universitária, assim como, revelar o(s) processo(s) organizativo(s) que constitui(em) a prática da greve para os atores envolvidos.

No que se refere à pesquisa documental, Cellard (2012) ressalta que o pesquisador deve localizar os documentos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade. A noção de documento utilizada é ampla, pois

considera-se não apenas os textos escritos, mas também fotografias, filmes, slides, entre outros suportes.

Ainda de acordo com Cellard (2012), o documento deve passar pela análise preliminar que é composta de cinco dimensões: o contexto (o exame do contexto social global no qual foi produzido o documento e aqueles a quem foi destinado); o autor e/ou autores (levantar a identidade da pessoa que elaborou o documento, seus interesses, objetivos); a autenticidade e confiabilidade do texto (assegurar-se da qualidade da informação transmitida); a natureza do texto (estrutura do texto de acordo com a finalidade); os conceitos-chave e a lógica interna do texto (sentido do texto).

Após a análise preliminar é necessário realizar a análise documental, isto é, extrair os elementos pertinentes do texto e estabelecer as relações em relação ao contexto, à problemática e ao quadro teórico da pesquisa (CELLARD, 2012). A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. O investigador deve interpretar os fatos, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer as inferências (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Para a análise documental citam-se: o regimento interno da biblioteca pesquisada (Resolução 09/2002), o planejamento estratégico da biblioteca (período de 2015-2019), a resolução que aprova a reestruturação organizacional da universidade (Resolução 08/2014), relatórios emitidos pelo Sistema Pergamum (software utilizado no Sistema Integrado de Bibliotecas), bem como o site da universidade, da biblioteca pesquisada e do sindicato da categoria em greve. Além disso, foram analisadas tanto fotografias, tiradas pela pesquisadora na coleta de dados quanto fotografias, tiradas por participantes da greve, estas últimas foram autorizadas para serem utilizadas nesta pesquisa (UNIVERSIDADE, 2002, 2014, 2015d).

Os documentos foram escolhidos com o objetivo de levantar informações sobre as atividades cotidianas da biblioteca estudada, visando traçar as alterações ocorridas a partir da prática da greve. Percebe-se que, no transcorrer da greve ocorreram transformações no cotidiano e nos processos organizacionais,

promovendo uma reorganização das atividades apresentadas anteriormente como oficiais nos documentos da biblioteca e da universidade.

Concomitantemente a pesquisa documental, a pesquisadora realizou a observação participante dos processos organizativos desempenhados no transcorrer das práticas em um contexto de greve (ver Roteiro de Observação no APÊNDICE A). Esta observação aconteceu no período de maio/2015 a outubro/2015 na Biblioteca Central estudada, conforme mostra a Fotografia 1.

Fotografia 1 – Biblioteca Central Pesquisada



Fonte: da autora (2015a)



A opção pela observação participante ocorreu pelo fato da pesquisadora ter a formação em biblioteconomia e atuar como bibliotecária no espaço da biblioteca universitária estudada, o que possibilitou uma maior inserção no *locus*. Nas notas de campo foram registradas palavras, frases ou ações fundamentais sobre as pessoas com quem a pesquisadora conversou e sobre o que conversou. Ainda de acordo com Gibbs (2009), após o registro das notas de campo faz-se necessário colocar as anotações em formato de texto, isto é, escrever de forma narrativa o que foi observado. Esta descrição possibilita interpretar os dados registrados e representa uma etapa central na análise qualitativa das informações.

No decorrer das observações no campo foram realizadas conversas informais com os servidores e alunos. Para ampliar a compreensão das ações dos atores humanos e não-humanos que reproduzem e produzem os processos organizativos, as conversas informais ocorreram com os servidores inseridos no contexto da greve, sejam eles sujeitos que aderiram formalmente ou não ao movimento, bem como os discentes que se relacionam com a referida biblioteca. Essas conversas buscavam evidenciar a ação natural das pessoas e as formas que as mesmas se organizam na greve a partir do que tinha sido observado até aquele momento.

Para identificação dos atores humanos e não-humanos da prática, recorreu-se inicialmente à observação na Biblioteca Central pesquisada, bem como observações realizadas no campus da universidade. Posteriormente, as conversas informais com os praticantes, realizadas durante todo o desempenho da greve, permitiram traçar os principais atores humanos e não-humanos da prática. Apenas as conversas informais com os discentes foram realizadas em um período específico, isto é, de 11 de agosto a 31 de agosto de 2015, somando um total de 35 conversas com os discentes que encontravam-se no campus durante o contexto da greve, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2 – Campus da Universidade Pesquisada



- | | |
|---|---|
|  Passagem de Veículos | 10 ADUFES |
|  Passagem de Pedestres | 11 IC – I / Centro de Ciências Exatas (CCE) |
| 1 Entrada Principal | 12 IC – II / Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) |
| 2 Entrada Sul | 13 IC – III / Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) |
| 3 Entrada Norte | 14 IC – IV / Centro de Educação (CE/ IC-IV) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) |
| 4 Teatro Universitário | 15 Anexo CCHN e Centro de Educação |
| 5 Cine Metrôpolis e Cantina | 16 Centro de Educação Física e Desportos |
| 6 Centro de Artes | 17 Centro Tecnológico (CT) |
| 7 Centro de Educação Física e Desportos | 18 Auditório do CCJE e Salão Rosa |
| 8 Restaurante Universitário | 19 Cantina CCJE |
| 9 Biblioteca Central | |

Fonte: UNIVERSIDADE... (2015c)

Nesta etapa os discentes foram abordados aleatoriamente, de maneira informal, na tentativa de colher informações sobre a sua relação com a Biblioteca Central. Quando identificados como frequentadores da biblioteca, a conversa era direcionada ao entendimento de como eram as suas atividades e preferências neste espaço. Na sequência, antes de sair do campo, eram feitas anotações com o intuito de relatar as principais experiências vivenciadas para análise posterior.

Com o intuito de abarcar discentes de vários cursos, optou-se por abordá-los, próximos aos 7 Centros da Universidade pesquisada (Figura 2), quais sejam: Centro de Artes, Centro de Educação Física e Desportos, Centro de Ciências Exatas,

Centro de Ciências Humanas e Naturais, Centro de Educação, Centro Tecnológico e Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

A coleta dos dados junto aos discentes no campus da universidade ocorreu no horário entre as 14 horas e 18 horas, pois no período da manhã foi realizada a observação participante na Biblioteca Central. A observação participante ocorreu durante o trabalho da pesquisadora na realização das atividades destinadas aos não-praticantes. Durante a realização dessas atividades, a pesquisadora observou também o desempenho da prática que acontecia em frente a biblioteca pesquisada (greve de ocupação) pelos praticantes. Somadas as observações da prática, a pesquisadora interagiu com os praticantes e realizou conversas informais para identificar as ações desempenhadas na greve.

Dentre os trabalhos realizados internamente na biblioteca, a pesquisadora realizou o inventário do acervo da Biblioteca Central bem como participou de outras atividades, no horário das 7 horas às 13 horas, juntamente com os servidores que não praticaram a greve, conforme será detalhado a partir do item 5.3 da pesquisa.

Para autorização da pesquisa na Biblioteca Central a pesquisadora utilizou um modelo, conforme consta no APÊNDICE B. Além das informações presentes na autorização, foram esclarecidas todas as dúvidas sobre a pesquisa para a responsável pela instituição.

Importante destacar que a pesquisadora também utilizou fotografias disponibilizadas por um servidor público para ilustrar o trabalho, no entanto, todas as imagens foram autorizadas por seu autor (APÊNDICE C). O uso da fotografia auxiliou a pesquisadora no registro das ações, atividades e reações dos atores durante a prática da greve. Além disso, possibilitou complementar, com riqueza de detalhes, as informações levantadas nas conversas informais. A escolha de cada fotografia buscou preservar a identidade dos participantes do estudo, assim optou-se pelas fotos que mantinham certa distância e/ou foram encobertos os rostos de algumas pessoas, para resguardar o anonimato dos participantes. Outrossim, as informações descritas nesta pesquisa serão utilizadas para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas. As transcrições com os dados coletados serão mantidos por cinco anos e depois serão inutilizados.

3.2 Análise dos Dados

A categorização dos resultados foi definida durante a análise dos dados à posteriori, o que corrobora com o que Bispo e Godoy (2012a) apontam para a pesquisa de campo que utiliza a etnometodologia. Os autores destacam que o pesquisador não deve adotar categorizações pré-definidas e que os resultados da pesquisa dessa natureza constituem-se nas maneiras como uma determinada coletividade constrói, perpetua ou modifica uma prática a partir de um conjunto de atividades ordenadas. Portanto, para os autores: “tais resultados devem ser apresentados a partir do relato das práticas que foram identificadas dando ênfase nas explicações de como elas são geradas, aprendidas e compartilhadas, assim como se modificam ao longo do tempo” (BISPO; GODOY, 2012a, p. 12).

Adotou-se como codificação dos dados da pesquisa os pressupostos levantados no referencial teórico e que representam os cinco conceitos-chave da etnometodologia, quais sejam: a prática (no sentido de realização), a indicialidade, a reflexividade, a *accountability* e a noção de membro (COULON, 1995). Esses conceitos não pretendem limitar ou prescrever a interpretação da realidade, pois isso vai de encontro aos pressupostos desta abordagem, conforme alertado por Bispo e Godoy (2014), mas sim, nortear o entendimento dos resultados da pesquisa, servindo de subsídio para compreensão da greve enquanto prática.

Do mesmo modo, as perguntas para orientação analítica e interpretativa propostas por Bispo e Godoy (2014) não pretendem limitar e nem prescrever como deve ser realizada a pesquisa etnometodológica. Ao adotar essas perguntas para a análise e interpretação do conjunto de atividades identificadas no campo busca-se contribuir para que o pesquisador avalie com maior confiabilidade e segurança se ele se configura como uma prática sob as lentes da etnometodologia.

No Quadro 2 apresentam-se as perguntas que foram utilizadas para análise e interpretação dos dados etnometodológicos.

Quadro 2 – Análise e Interpretação de Dados Etnometodológicos

| Conceito | Pergunta de orientação analítica e interpretativa |
|---|--|
| Prática/Realização | As atividades identificadas representam o cotidiano da organização/grupo investigado e são reconhecidas pelos seus membros como próprias e características da organização/grupo ao qual pertencem? |
| Indicialidade | O conjunto de atividades identificadas apresentam uma linguagem própria da organização/grupo investigado em que todos os membros compartilham dela e do(s) sentido(s) que ela representa na vida cotidiana dessa organização/grupo? É possível identificar jargões e/ou palavras próprias? |
| Reflexividade | O conjunto de atividades identificadas cria ao longo do tempo na organização/grupo condições de perpetuação, modificação ou, até mesmo, geram novas atividades que são reconhecidas pelos membros como resultado do seu cotidiano? |
| <i>Accountability</i> (Relatabilidade) | É possível identificar nas falas e ações dos membros da organização/grupo justificativa comum para orientar a razão pela qual o conjunto de atividades é realizado daquela forma e não de outra? |
| Noção de membro | O conjunto de atividades mapeadas permitem ao pesquisador identificar claramente quem são os indivíduos que são efetivamente da organização/grupo e não apenas “estão” nele? A indicialidade e a relatabilidade são fundamentais para tal reconhecimento. |

Fonte: Bispo e Godoy (2014, p. 129)

A partir desta abordagem foi possível comparar os caminhos encontrados para interpretar os dados de campo a partir de um “olhar” etnometodológico e, assim, oferecer novos olhares sobre as práticas cotidianas dos sujeitos presentes em uma biblioteca universitária. Traçando um paralelo entre os processos organizativos e a abordagem teórica-metodológica da Etnometodologia, destacam-se as seguintes similaridades.

O *Organizing* possibilita pensar os processos organizativos em sua dinamicidade e flexibilidade cotidiana. Do mesmo modo, a etnometodologia busca estudar o ordenamento dos fenômenos oriundos das ações no cotidiano de uma maneira que possibilite descrever e explicar suas origens e motivações por meio das práticas.

A pesquisa que utiliza o conceito de *Organizing* surge, por sua vez, também como uma possibilidade de compreensão das práticas dos diversos atores (humanos e não-humanos) sobre uma realidade. Da mesma maneira, a etnometodologia permite incluir uma variedade de pontos de vista e ações no desempenho das práticas cotidianas.

A indiferença etnometodológica, por outro lado, implica no analista (pesquisador) suspender todos e quaisquer compromissos com versões privilegiadas da estrutura social (GARFINKEL, 2006). Esta indiferença favorece a abertura do pesquisador para a compreensão de como as situações, aspirações, necessidades, senso comum ou simplesmente o conhecimento tácito são compartilhados nas organizações por meio dos processos organizativos.

Em virtude do exposto busca-se nesta pesquisa ao estudar, tanto os processos organizativos quanto a Etnometodologia, permitir novos olhares para os estudos organizacionais desenvolvidos em uma biblioteca universitária e, especialmente, em um contexto de “fora da normalidade” como é o caso da prática da greve.

4 SITUANDO A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PESQUISADA

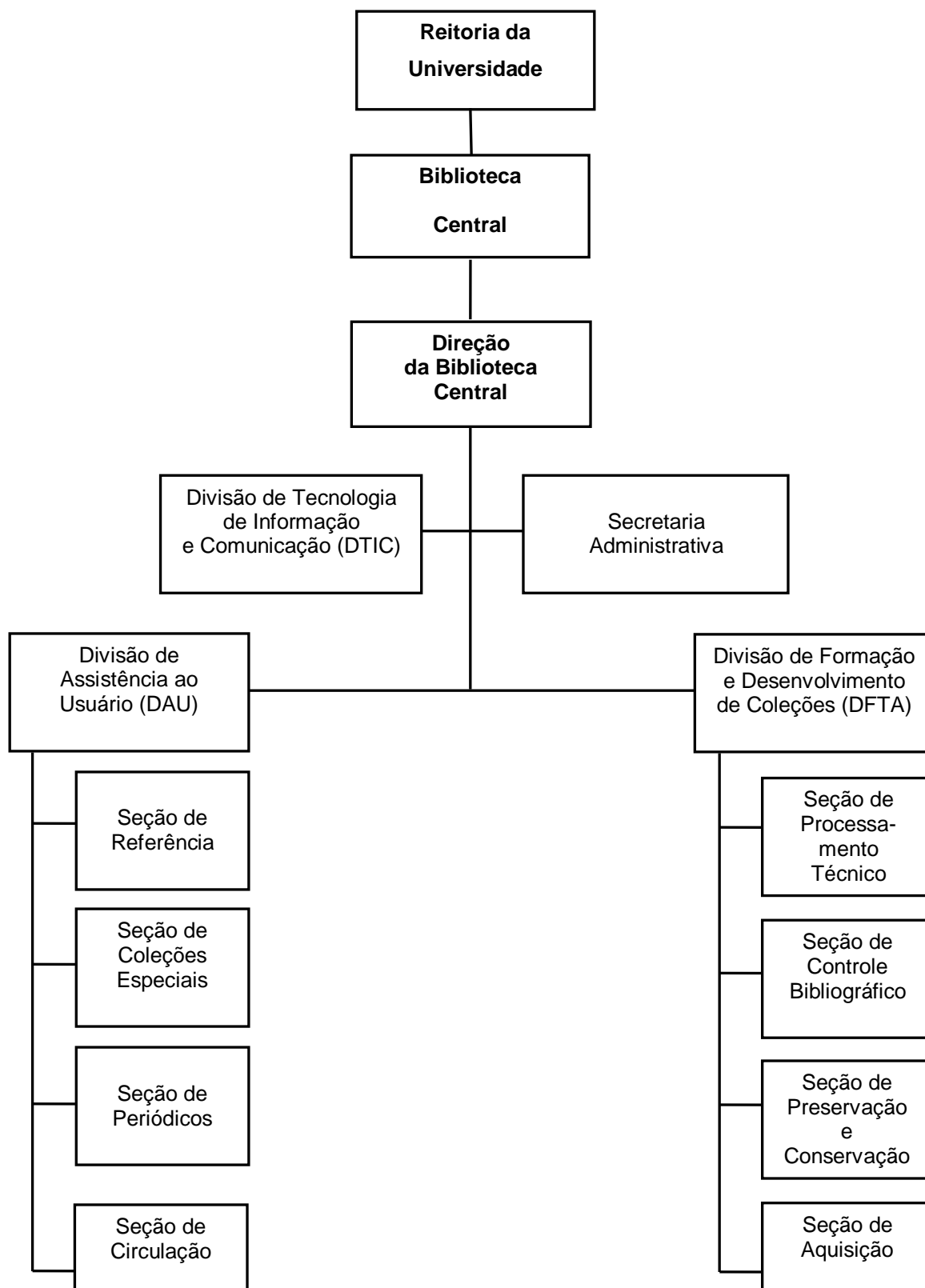
A Biblioteca Central (BC) pesquisada é um órgão suplementar vinculado diretamente à Reitoria da Universidade e representa a unidade que coordena os procedimentos técnicos de todas as participantes do sistema, quais sejam: 7 bibliotecas setoriais. Somente a Biblioteca Central disponibiliza um total de 320.000 exemplares para os usuários e tem como área total construída cerca de 6.900 m² (SISTEMA..., 2015).

Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da universidade pesquisada, aprovado para o período de 2015/2019, a missão de todo o sistema de bibliotecas da universidade é descrita como: Planejar, organizar, preservar e disseminar a informação bibliográfica para a produção do conhecimento, dando suporte às atividades educacionais, científicas, tecnológicas e culturais da Universidade, possibilitando o crescimento e desenvolvimento institucional e da sociedade (UNIVERSIDADE..., 2015d).

De acordo com o mesmo PDI (2015/2019), o sistema de bibliotecas tem como visão: Ser reconhecido em nível estadual e nacional como unidade de informação de excelência na gestão dos recursos bibliográficos, na prestação de serviços para comunidade universitária e sociedade em geral, possibilitando o crescimento, a inovação, o desenvolvimento institucional e social (UNIVERSIDADE..., 2015d).

A BC apresenta a seguinte estrutura organizacional, conforme observa-se na Figura 3:

Figura 3 – Organograma da Biblioteca Central



Fonte: UNIVERSIDADE (2014).

Destaca-se que nos documentos pesquisados sobre a Biblioteca Central, constam as principais atribuições de cada direção, isto é, da direção geral, das chefias de divisão e de seção, conforme observa-se a seguir (SISTEMA..., 2015):

- **Direção:** gerencia as divisões internas da biblioteca, responde às solicitações demandadas pela Reitoria; presta informações aos usuários e à comunidade em geral; autoriza a realização de eventos, exposições e outras atividades no espaço da biblioteca bem como outras atividades.

- **Secretaria:** administra a portaria, o guarda-volumes e o controle de entrada e saída dos usuários e servidores da Biblioteca Central; prepara as correspondências, relatórios, projetos e toda a documentação da Biblioteca Central; controla o recebimento e expedição de malotes; orienta o público quanto aos espaços e serviços da Biblioteca Central; executa outras atividades afins.

- **Divisão de Assistência ao Usuário (DAU) composta por:**
 - Seção de Referência: local onde são realizadas as pesquisas e consultas ao acervo, bem como os treinamentos aos usuários na busca de materiais;

 - Seção de Coleções Especiais: contem obras de valor histórico e cultural consideradas raras, assim como, obras de autores capixabas, publicações sobre o Espírito Santo e coleções particulares, sendo este acervo de consulta local pelos usuários;

 - Seção de Periódicos: jornais, revistas, acervo de reserva destinado a pesquisa somente na biblioteca, bem como fontes de informação online e;

 - Seção de Circulação: empréstimos, devoluções, cobranças diversas e emissões de Nada Consta.

- **Divisão de Formação e Tratamento do Acervo (DFTA) composta por:**

- Seção de Processamento Técnico: processa tecnicamente os materiais bibliográficos da Biblioteca Central e Setoriais recebidos por compra e/ou doação para fins de pesquisa e disponibilização para os usuários. Elaboração das fichas catalográficas para a comunidade interna e externa da universidade;
- Seção de Controle Bibliográfico: prepara os materiais bibliográficos - novas aquisições e doações - recebidos da Seção de Processamento Técnico e encaminha-os para incorporação ao acervo da Biblioteca Central e Setoriais;
- Seção de Preservação e Conservação: realiza os reparos e encadernações dos materiais bibliográficos da Biblioteca Central e Setoriais;
- Seção de Aquisição: organiza o arquivo de sugestões de compra enviadas pelos professores representantes de departamentos; recebe da comunidade universitária e do público em geral, doações de livros, teses e dissertações bem como recebe todo material bibliográfico adquirido através do processo de compra do sistema;
- **Divisão de Tecnologia de Informação e Comunicação (DTIC):** recebe os materiais em formato digital (teses, dissertações, livros e capítulos de livro) a serem inseridos no Repositório Institucional da UFES; oferece suporte técnico no uso do Sistema Integrado de Biblioteca (Pergamum), Biblioteca Central e bibliotecas setoriais; disponibiliza e gerencia equipamentos de informática e a rede da BC para fins de pesquisa e de circulação de materiais, bem como verifica e solicita os devidos reparos dos equipamentos de trabalho dos servidores para desempenho das atividades.

O organograma e as atribuições de cada setor/chefia foram apresentados com o intuito de esclarecer como ocorre o funcionamento “formal” do espaço da biblioteca universitária pesquisada. No entanto, esses setores e chefias não apresentam-se de forma estanque e isolada, ao contrário, se inter-relacionam e dependem dos outros setores para que a biblioteca funcione normalmente.

Conforme destaca Czarniawska (2008), muito do que há nas organizações não é acessível diretamente por meio de instrumentos formais – relatórios, manuais, discursos oficiais etc., porque existem muitas regras e acordos que são internalizados de forma tácita. Assim, de acordo com Bispo (2011, p. 23):

Por mais que as pessoas busquem criar modelos de organizações estáveis e com limites espaciais e de ação bem definidos, as organizações sempre são resultado das interações cotidianas e da intersubjetividade criada entre seus membros a partir de suas práticas.

Deste modo, pensar as organizações enquanto contextos sociais implica assumir uma postura de que elas são a expressão da vida cotidiana, ou seja, é entender que as organizações são manifestações oriundas das ações individuais e coletivas dos seus membros que dão uma identidade coletiva ao agir dos atores sociais. Assim, as organizações não são percebidas apenas como um instrumento para atingir determinados fins, mas uma arena onde as pessoas realizam suas atividades cotidianas de forma negociada em um processo contínuo de transformação (STRATI, 2000).

Portanto, tanto com o funcionamento normal da biblioteca quanto em um contexto da prática da greve, as atividades desempenhadas por cada setor da biblioteca estão interligadas. Assim, ao paralisar o funcionamento das ações cotidianas realizadas pela Divisão de Atendimento aos Usuários (DAU), por exemplo, afeta-se os processos organizativos de toda a biblioteca.

Esse fato corrobora com o exposto por Viana (2007), que cita a greve como um fator que gera desordem. Assim, trazendo para o contexto desta pesquisa, percebe-se que a greve é uma prática que modifica os processos organizativos presentes no cotidiano da biblioteca universitária e, ao mesmo tempo, possibilita que novos processos organizativos apareçam no desempenho desta prática. Esses

processos organizativos são utilizados como subsídios para as próximas greves, ajudando a manter, preparar e mesmo criar novas práticas a serem desempenhadas, conforme será detalhado a seguir no contexto investigado.

5 REVELANDO A GREVE NO CONTEXTO INVESTIGADO

5.1 E quando a prática te surpreende?

A coleta de dados teve início no mês de maio/2015 e a princípio, buscava entender os processos organizativos no serviço de referência (setores descritos anteriormente na Divisão de Assistência ao Usuário - DAU) da biblioteca pesquisada. Porém, para o alcance desse objetivo, a pesquisadora dependia do funcionamento normal da biblioteca para observação da(s) prática(s) ligada(s) aquele setor. No entanto, no final deste mesmo mês (maio/2015), foi deflagrada a greve dos técnicos administrativos das universidades federais brasileiras alterando os rumos da pesquisa.

Com a mudança no contexto investigado, a pesquisadora retornou ao levantamento bibliográfico e averiguou que a produção científica ainda é incipiente sobre a temática da greve no cenário educacional, especialmente, utilizando a abordagem dos Estudos Baseados na Prática (EBP). Deste modo, com o intuito de compreender a prática da greve em uma universidade federal brasileira, a pesquisa foi redefinida e buscou enxergar a dinamicidade do evento, ou seja, a prática da greve acontecendo naquele tempo e espaço.

Antes da paralisação das atividades da biblioteca foi realizada uma reunião, convocada pela diretora, com o intuito de informar sobre o posicionamento da Biblioteca Central em relação à greve. Além disso, ela buscava conhecer quais servidores participariam da greve e quais servidores estariam disponíveis para prestação dos serviços essenciais que seriam mantidos à comunidade universitária, bem como programar as atividades que poderiam ser realizadas durante o fechamento do acervo aos usuários.

A pesquisadora, no decorrer do estudo, atuou diretamente no grupo dos não-praticantes da greve, conforme será relatado no item 5.3. No entanto, observou a prática da greve e conversou (conversas informais) com os outros servidores da biblioteca, bem como coletou informações com os usuários (comunidade interna e externa) da Biblioteca Central que estavam inseridos neste contexto. Com o início da greve, observa-se que três grupos estavam diretamente ligados a essa prática e, por

esse motivo, foram os enfoques dados na pesquisa, quais sejam: os praticantes da greve, os não-praticantes da greve e os usuários da Biblioteca Central, que foram influenciados pela prática da greve dos técnicos administrativos na universidade estudada.

5.2 Os Praticantes e a Greve

Com relação aos técnicos administrativos da biblioteca que participaram da greve, constata-se que os mesmos promoveram uma paralisação diferenciada, se comparada aos movimentos de anos anteriores, segundo o próprio relato dos praticantes. O que diferenciou a greve de 2015 foi a chamada “greve de ocupação”, ou seja, os técnicos permaneceram durante o período de paralisação em frente à Biblioteca Central.

A “greve de ocupação” coaduna com o exposto por Viana (2007) quando este relata que atividades diferenciadas são realizadas pelos trabalhadores no local de trabalho em um contexto de greve. No caso da biblioteca pesquisada, os servidores realizaram atividades como: leitura de poesias (sarau literário), entrega de informativos e conversa com os discentes, com o intuito de conscientizar os usuários sobre as reivindicações dos servidores, bem como oferecer atividades que chamassem a atenção para este espaço (Fotografia 2).

Fotografia 2 – Sarau Literário em frente a Biblioteca Central



Fonte: Servidor (2015a)

Ainda segundo Viana (2007), a greve engloba atividades que estão fora das atribuições normais dos servidores na instituição (por exemplo, leitura de poesias). Mas também reitera alguns procedimentos que o servidor realiza em sua prática cotidiana, tais como: inserir-se numa organização, dividir o trabalho com os colegas durante a prática da greve e seguir os ritmos ditados pelos líderes do movimento (VIANA, 2007).

Com relação ao item descrito pelo autor, “inserir-se numa organização”, percebe-se que, mesmo com a paralisação das atividades, a ação dos servidores em “bater o ponto” continuava com a prática da greve. A orientação dada pelo sindicato da categoria era que os servidores registrassem o ponto em seus locais de trabalho, entrada e saída nos horários devidos (Fotografia 3) e neste intervalo de tempo participassem também das atividades do sindicato, devendo assinar a lista de presença nas reuniões no local que foi chamado de “tenda da greve” ou “barracão da greve” (Fotografia 4).

Fotografia 3 – Ponto Eletrônico da Biblioteca Central



Fonte: da autora (2015b)

Fotografia 4 – Tenda da Greve no Campus da Universidade



Fonte: Servidor (2015b)

Com relação à divisão do trabalho e a condução das atividades, citadas por Viana (2007), estas podem ser observadas em várias ações desenvolvidas durante a prática da greve. Uma das atividades em que a divisão em grupos pôde ser observada ocorreu na indicação da prática da greve nos diversos setores do campus universitários. Os servidores afixaram cartazes, faixas, folders e hastearam bandeiras nos diversos centros de cursos, conforme se observa nas fotografias 5, 6, 7, 8 e 9.

Fotografia 5 – Cartazes da Greve afixados em um Centro de Curso



Fonte: Servidor (2015c)

Fotografia 6 – Cartazes da Greve na Biblioteca Central



Fonte: Servidor (2015d)

Fotografia 7 – Faixa da Greve na Biblioteca Central



Fonte: Servidor (2015e)

Fotografia 8 – Faixa da Greve no Campus Universitário



Fonte: Servidor (2015f)

Fotografia 9 – Bandeiras da Greve no Campus Universitário



Fonte: Servidor (2015g)

Além da indicação da greve em todo o campus universitário, outras atividades foram organizadas no decorrer da prática. As fotografias 10, 11 e 12 mostram as atividades culturais e recreativas que aconteceram para os servidores e seus filhos no prédio da reitoria universitária, como pinturas e piscina de bolinhas para as crianças, além do sarau literário e distribuição de pipocas, algodão doce e lanches.

Fotografia 10 – Pintura para os Filhos dos Servidores



Fonte: Servidor (2015h)

Fotografia 11 – Piscina de Bolinhas para os Filhos dos Servidores



Fonte: Servidor (2015i)

Fotografia 12 – Sarau Literário na Reitoria



Fonte: Servidor (2015j)

Somadas as atividades descritas anteriormente, foram realizados vários cafés coletivos na tenda da greve, chamados também de Café Amigo, com o intuito de agregar e fortalecer os servidores em greve (Fotografia 13). Além disso, aconteceram apresentações gratuitas no cinema da universidade - Cine Greve (Fotografia 14), bem como a organização, por parte dos servidores em greve, dos materiais a serem levados pelos representantes da categoria para os atos nacionais que aconteceram em Brasília-DF. Estes últimos materiais incluíam uma lona (similar a de um circo), faixas, bandeiras, roupas de palhaço e um boneco da presidente (Fotografia 15).

Fotografia 13 – Café Coletivo realizado na Tenda da Greve



Fonte: Servidor (2015k)

Fotografia 14 – Cine Greve



Fonte: Servidor (2015l)

Fotografia 15 – Organização para o Ato Nacional em Brasília-DF



Fonte: Servidor (2015m)

No calendário de atividades do sindicato foram incluídas panfletagens e manifestações em frente ao campus universitário (Fotografia 16), assim como torneios de jogos (por exemplo, dominó) entre os servidores em greve.

Fotografia 16 – Manifestação em frente ao Campus Universitário



Fonte: Servidor (2015n)

Por fim, foram observadas algumas ações inusitadas na greve, como exemplos: destaca-se um animal alugado (vaca) que foi colocado em frente ao prédio da reitoria durante uma parte do dia (Fotografia 17) e, em outro momento da greve, um despacho foi realizado em frente a reitoria. Essas ações foram realizadas pelo comando da greve e tiveram apoio de uma parte dos praticantes. Alguns praticantes relataram que acharam desnecessárias essas ações por considerarem ofensivas à administração. Por outro lado o comando da greve defendeu a realização dessas ações com o argumento de que elas chamam a atenção do Governo Federal para as reivindicações da categoria (Fotografia 18).

Fotografia 17 – Protesto com Animal em frente a Reitoria da Universidade



Fonte: Servidor (2015o)

Fotografia 18 – Despacho realizado como Protesto em frente a Reitoria



Fonte: Servidor (2015p)

Em razão do exposto e visando atender os objetivos propostos para esta pesquisa, retomamos alguns aspectos que estão intimamente ligados ao referencial teórico utilizado e a metodologia de análise. Com relação aos atores da greve, identificam-se que estão presentes nesta prática, tanto atores humanos como não-humanos, conforme demonstrado no Quadro 3:

Quadro 3 – Descrição dos Atores na Prática da Greve

| <i>Atores Humanos</i> | <i>Atores Não-Humanos</i> |
|---|--|
| Técnicos-Administrativos da Biblioteca Central Pesquisada | <p><i>Equipamento do ponto eletrônico, Tenda da greve; Artefatos de divulgação</i> (panfletos, cartazes, faixas, bandeiras);</p> <p><i>Artefatos de manifestação</i> (lona de circo, boneco da presidente, roupas de palhaço, materiais para o despacho e animal – vaca);</p> <p><i>Atividades culturais e recreativas</i> (café coletivo, sarau literário, fazer pinturas e brincadeiras na piscina de bolinhas para as crianças, distribuição de lanches, jogos e cine greve)</p> |

Fonte: a autora (2015a)

Como atores humanos da prática da greve foram identificados os servidores técnicos administrativos, que no caso da universidade pesquisada, excluiu os docentes, bem como os funcionários terceirizados e bolsistas, que não realizaram a greve. Já como atores não-humanos destacam-se: o equipamento do ponto eletrônico, a tenda da greve, os artefatos de divulgação e manifestação e as atividades culturais e recreativas. Os atores não-humanos citados correspondem ao exposto por Law (1992) quando argumenta que o social não é composto simplesmente pelo humano. O social é composto também por esses materiais que geram a heterogeneidade e a ação sobre a prática.

O equipamento do ponto eletrônico constituiu-se como um ator não-humano de relevância na biblioteca estudada devido à orientação constante do sindicato da categoria de registro da frequência no local de trabalho. O registro de ponto (entrada

e saída) reitera, segundo o sindicato e os próprios servidores, que os técnicos administrativos, encontravam-se no campus para a prática da greve. Deste modo, constitui-se como um ator relevante que registrou não apenas a presença do servidor, mas também criou vínculos (sentimento de pertencimento a um determinado grupo) entre os que praticavam a greve e os que não praticavam.

Law (1992) ao retratar esses vínculos que ocorrem entre atores humanos e não-humanos cita o exemplo do projetor de transparências que, naquela época, participava da relação entre professor e aluno na sala de aula. “O projetor era parte do social e operava de forma a influenciar o modo como os atores agiam na aula” (LAW, 1992, p. 3, tradução nossa).

Da mesma maneira, o equipamento do ponto eletrônico foi identificado nesta pesquisa, como elemento que atuou na prática, pois gerou significados específicos para os praticantes e não-praticantes da greve. Para os praticantes da greve significava que, apesar de realizarem a prática, os servidores encontravam-se fisicamente no campus da universidade e, no caso específico da pesquisa ocupavam a parte da frente da biblioteca central (greve de ocupação). Para os não-praticantes representava o registro de sua opção em não realizar a greve e o período que estes realizavam outras atividades internas à biblioteca. A atuação do ponto eletrônico na prática valida o exposto por Alcadipani e Tureta (2009) quando reiteram que, os estudos que utilizam a abordagem dos atores humanos e não-humanos, representam uma perspectiva que permite investigar os processos organizativos.

Somado ao registro no ponto eletrônico, o servidor também realizava a assinatura de sua presença na tenda da greve, para comprovação de sua participação nas assembleias. Assim, a tenda constitui-se como outro ator não-humano da prática, no sentido em que se estabeleceu-se como local destinado aos encontros dos servidores para realização das assembleias, deliberação de atividades, promovendo também um sentimento de pertencimento à prática.

Com relação à paralisação de 2015, constatou-se que a entrada (o acesso principal) da Biblioteca Central serviu da mesma maneira como elemento que agregou os técnicos administrativos que praticavam a greve na biblioteca, pois surgiu com um novo espaço para realização de atividades ligadas à prática. No

entanto, considerou-se que este fato foi observado inicialmente nesta greve, o que pode não constituir-se ainda como uma ação corriqueira da greve, ao contrário, do que se percebe em relação à tenda como elemento corriqueiro da prática na universidade estudada.

Conforme argumenta Gherardi (2009b), a mudança e a inovação das práticas consolidadas ocorre continuamente. Segundo a autora, essas alterações consistem no refinamento constante da prática por seus praticantes. Isso não quer dizer, no entanto, que exista “um acordo total ou consenso perfeito sobre como realizar a prática, mas sim que ocorre uma negociação frequente entre os atores sobre a melhor forma de desempenhar a prática, o que gera a dinamicidade dessa prática” (GHERARDI, 2009b, p. 357, tradução nossa).

Considera-se também que os artefatos de divulgação e manifestação são atores não-humanos envolvidos na prática da greve. Destaca-se que, no caso dos artefatos de divulgação, os elementos elencados são corriqueiros dentro da prática, como por exemplo: a utilização de panfletos, cartazes, faixas e bandeiras.

Quando detalhamos os artefatos de manifestação, verificam-se que estes sempre ocorrem dentro da prática da greve, no entanto, podem variar com relação às atividades que serão inseridas em determinado contexto. Assim, não é possível afirmar que os mesmos artefatos utilizados na greve de 2015 serão utilizados em outros momentos, quais sejam: a utilização da lona de circo, o boneco da presidente, as roupas de palhaço, os materiais para o despacho e o aluguel do animal (vaca) para protestar, porém, os artefatos de manifestação em si serão sempre utilizados como atores dentro da prática.

Quanto às atividades culturais e recreativas ressalta-se também seu papel relevante, pois possuem o papel de agregação dos praticantes à prática. Assim, por meio de cafés coletivos, jogos, cinema, entre outras atividades, buscava-se fortalecer o grupo que realizava a greve. Essas atividades podem variar, semelhantemente aos artefatos de manifestação, no entanto, as ações recreativas e culturais estão sempre presentes na prática da greve.

Para Gherardi (2009c, p. 536, tradução nossa), “as práticas não são apenas padrões recorrentes de ações (nível de produção), mas também padrões recorrentes de ação social sustentada (produção e reprodução)”. Isso significa, segundo a

autora, que a prática é constantemente avaliada por seus praticantes, o que permite variadas performances da prática, pois estão sendo continuamente avaliadas e reinventadas pelos atores (GHERARDI, 2009c).

A partir das observações realizadas e das conversas informais com os praticantes, identificou-se que as ações são desempenhadas não apenas pelos atores humanos, mas também pelos atores não-humanos, o que atribui um papel relevante de ambos na prática da greve. As ações dos atores, descritas anteriormente, respondem ao segundo objetivo específico da pesquisa e, refletem a prática da greve desempenhada tanto na biblioteca pesquisada quanto no campus da universidade.

Essa ação conjunta dos atores na prática é destacada por Gherardi (2009b) quando relata que o alinhamento dos seres humanos e artefatos constrói, mantém ou altera uma ação em sua realização prática. Dito de outro modo, o conhecimento não é apenas uma atividade situada em uma prática, mas também é uma atividade repartida entre os atores humanos e não-humanos (objetos, ferramentas, artefatos) nas quais esses últimos, interrogam os humanos e assumem também a sua agência na prática (BRUNI; GHERARDI; PAROLIN, 2007).

As ações identificadas: ato de registrar o ponto, a realização da divulgação, manifestação e/ou atividades culturais/recreativas da prática, revelam a dinamicidade dos processos organizativos da greve, isto é, esses processos podem ser renovados a cada momento, a cada desempenho da prática. Para Gherardi (2009b), a prática não é simplesmente um complexo de atividades estanques, mas sim, algo que é multifacetado e que renova-se continuamente. A prática é vista como uma ação que está acontecendo, que está sendo performada ou desempenhada através de uma rede de atores em ação naquele momento (GHERARDI, 2009a).

Constata-se nas observações e nas conversas informais realizadas no campo que, tanto os praticantes como os não-praticantes consideram a greve como um importante mecanismo de reivindicação por melhores condições de trabalho e luta da categoria. Todavia, esses dois grupos (praticantes e não-praticantes) discordavam em alguns momentos sobre a forma como a prática poderia ser desempenhada. Alguns praticantes apresentavam perfil mais combativo, isto é, buscavam ações que chamassem a atenção, tanto da administração central da

universidade como da sociedade (por exemplo, despacho realizado e animal colocado em frente à Reitoria); outros praticantes e também não-praticantes, no entanto, entendiam que a luta da categoria deveria ser realizada de forma menos agressiva.

Deste modo, percebe-se que, mesmo dentro de cada grupo ocorriam divergências de opiniões sobre a forma de desempenhar ou não da prática. Foram registradas participações diferenciadas entre os praticantes da greve no diário de campo, ou seja: técnicos que atuavam conjuntamente aos artefatos de divulgação e manifestação; técnicos que participavam apenas das atividades culturais e recreativas e ainda aqueles que compareciam apenas nas assembleias da categoria ou não participavam das atividades desenvolvidas na prática da greve. O exposto anteriormente demonstra que, ao utilizar uma postura etnometodológica para pensar e pesquisar os fenômenos permite-se refletir as organizações como um texto aberto, com foco nas ações cotidianas dos seus membros e nas diferentes maneiras de pensar e agir a partir de seu contexto social.

Doravante a identificação dos atores envolvidos e das ações realizadas na greve, buscou-se neste momento, o entendimento da prática segundo os conceitos-chave da etnometodologia. Com isso, seguindo as perguntas de orientação analítica e interpretativa apresentadas anteriormente no Quadro 2 é possível identificar neste estudo da prática da greve, o exposto no Quadro 4.

Quadro 4 – Conceitos-Chave da Etnometodologia na Prática da Greve

| Conceito | Interpretação na Prática (continua) |
|--------------------|---|
| Prática/Realização | As atividades identificadas na greve (o registro no ponto eletrônico, a permanência na tenda da greve; a utilização de artefatos de divulgação e manifestação e as atividades culturais) representam o cotidiano da prática na biblioteca universitária pesquisada e são reconhecidas pelos seus membros como próprias do grupo praticante. |

| Conceito | Interpretação na Prática (conclusão) |
|---|---|
| Indicialidade | O conjunto de atividades identificadas traz sentido aos praticantes da greve. Do mesmo modo, os membros utilizam uma linguagem própria que representa a prática, como exemplo: “luta da/pela categoria”, “filiaos” (aqueles que estão associados ao sindicato), “pelegos” ou “fura greves” para identificar os não-praticantes e “assembleias” (identificam as reuniões realizadas entre o sindicato e os servidores técnicos-administrativos). |
| Reflexividade | O conjunto de atividades identificadas é perpetuado a cada prática da greve (como por exemplo, permanecer na tenda da greve), mas também podem ser modificadas de acordo com a necessidade de atuação dos praticantes (citam-se, a greve de ocupação em frente a biblioteca, as atividades culturais e artefatos de manifestação) que, conforme o contexto e o cotidiano da prática podem alterar-se no tempo e no espaço. |
| <i>Accountability</i> (Relatabilidade) | Identificam-se nas falas dos praticantes que as ações desempenhadas são comuns à prática da greve. Os artefatos de manifestação, por exemplo, estão sempre presentes no decorrer da prática e se justificam como forma de chamar a atenção para o movimento. |
| Noção de membro | O conjunto de atividades mapeadas (permanecer na tenda da greve, atividades culturais, artefatos de divulgação e manifestação, assim como o próprio registro do ponto eletrônico no local de trabalho e a assinatura da lista de presença na tenda) permite identificar claramente quem são os indivíduos que estão praticando a greve. |

Fonte: a autora (2015b)

Percebe-se que, na interpretação realizada sobre a greve, são identificados os conceitos etnometodológicos. Esse fato pode ser observado nas falas dos praticantes (técnicos administrativos), como por exemplo, no registro do ponto eletrônico, na qual um deles indica que: “nós estamos fazendo uma greve diferente das outras, nós permanecemos na frente da biblioteca e realizamos algumas atividades para mostrar os motivos da paralização. Registramos o ponto na biblioteca e assinamos a presença na tenda da greve”. Já em relação a permanência na tenda da greve, a fala de um técnico administrativo ressaltava que: “nós sempre participamos das assembleias e registramos a presença na tenda para acompanhar o andamento da greve e nesta greve estamos fazendo uma greve de ocupação em frente da biblioteca”.

Com relação a utilização de artefatos de divulgação, manifestação e as atividades culturais constata-se que estes representam o cotidiano da prática na biblioteca universitária pesquisada e são reconhecidas pelos seus membros como próprias do grupo praticante. No entanto, nada impede que esses artefatos sejam transformados a cada movimento. Esse fato denota a reflexividade da prática, na qual os atores reconhecem a necessidade de repensar as atividades a serem realizadas a cada paralização, bem como relatam (relatabilidade) aquelas atividades que são comuns à prática.

Um ponto de destaque nas observações e nas conversas informais sobre a prática da greve foi a noção de membro, ou seja, o sentimento de pertencimento a um grupo foi intenso. No caso dos praticantes, observa-se que os mesmos buscavam agregar os servidores que encontravam-se em greve mas, além disso, também desejavam incluir os não-praticantes à greve. Essa inclusão era almejada utilizando-se das visitas na Biblioteca Central, além de reuniões e conversas nos corredores da biblioteca e no campus da universidade com o intuito de chamar para a realização da prática. Em vários momentos da greve a pesquisadora participou das conversas e reuniões realizadas nos corredores e na entrada principal da Biblioteca Central pesquisada, onde os praticantes relatavam sobre o andamento da greve e a necessidade de adesão dos não-praticantes.

Por outro lado, os não-praticantes ouviam as demandas dos colegas em greve e, mesmo concordando com os motivos e a necessidade de luta por melhores condições de trabalho, tinham suas razões para não realizar a prática neste momento. Esse fato gerava certo desconforto aos não-praticantes (inclui-se também a pesquisadora), que sentiam-se fora da atuação da prática. Esse mal estar gerado entre os servidores foi de certa forma amenizado com a realização de outras atividades internas da biblioteca e a não abertura do acervo para pesquisa e/ou empréstimo aos usuários, o que demonstrou em parte a solidariedade aos colegas em greve, conforme será descrito no item 5.3.

A partir do exposto sobre a prática da greve, buscou-se também compreender como os processos organizativos dos não-praticantes foram afetados e/ou alterados, assim como os reflexos para os usuários da biblioteca universitária pesquisada. Portanto, a partir dos objetivos anteriormente traçados, sentiu-se a necessidade de entender essas duas visões sobre a prática, o que será relatado a seguir.

5.3 Não-Praticantes e a Greve

Com o início da greve, os serviços considerados essenciais, ou seja, que continuaram a ser oferecidos pela Biblioteca Central foram: recebimento das devoluções de materiais (livros, multimeios, trabalhos acadêmicos entre outros); emissão de Nada Consta (para que os usuários pudessem realizar matrículas, rematrículas e solicitar a emissão de diplomas); treinamentos nas bases de dados (somente os que estavam previamente agendados na Seção de Periódicos antes da greve).

Somado aos serviços essenciais realizou-se, durante o período da greve, a atividade do inventário. O inventário tem como objetivo, levantar os materiais existentes no acervo e confrontar com os registros do sistema (MOSER, CASAS, LEMOS, 2008). Esta atividade permite que a biblioteca organize novamente o seu acervo, possibilitando o conhecimento dos materiais guardados em locais errados bem como levantar os extravios e reparos necessários.

O inventário pode ser utilizado também como um panorama geral dos materiais menos emprestados nos últimos anos. Esse panorama viabiliza o remanejo do

acervo para outros locais, gerando mais espaço físico para a chegada de novos materiais na biblioteca.

A partir do levantamento inicial sobre as equipes de trabalho da biblioteca durante a greve, a diretora e as chefias de divisão direcionaram os técnicos administrativos para o trabalho na Seção de Empréstimo (recebimento das devoluções, pagamento de multas e emissão de Nada Consta para os usuários) e para a atividade de inventário. Ressalta-se que, além dos técnicos administrativos concursados, somam-se os funcionários terceirizados e os bolsistas que não participaram da greve.

A pesquisadora acompanhou e realizou, juntamente com os técnicos e bolsistas, o inventário na Biblioteca Central pesquisada, mas não deixou de observar as atividades realizadas pelos servidores que estavam em greve. Com relação aos primeiros, isto é, os servidores e bolsistas que realizaram o inventário durante a greve, inicialmente solicitou-se a leitura das estantes (leitura do número de chamada, que localiza o material em cada prateleira e estante do acervo da Biblioteca Central). Essa leitura foi realizada em todo o acervo da Biblioteca Central, sendo aproveitado esse momento para a localização dos materiais guardados fora do seu lugar. Após a leitura manual, coletores magnéticos foram utilizados para leitura dos códigos de barra dos materiais do acervo e, posterior verificação da situação no sistema da biblioteca (Fotografia 19).

Após a leitura com os coletores magnéticos foram gerados relatórios dos dados coletados no acervo e, a partir desses relatórios, realizou-se novas buscas nas estantes para localização dos materiais que encontravam-se desaparecidos e/ou não foram lidos pelo coletor.

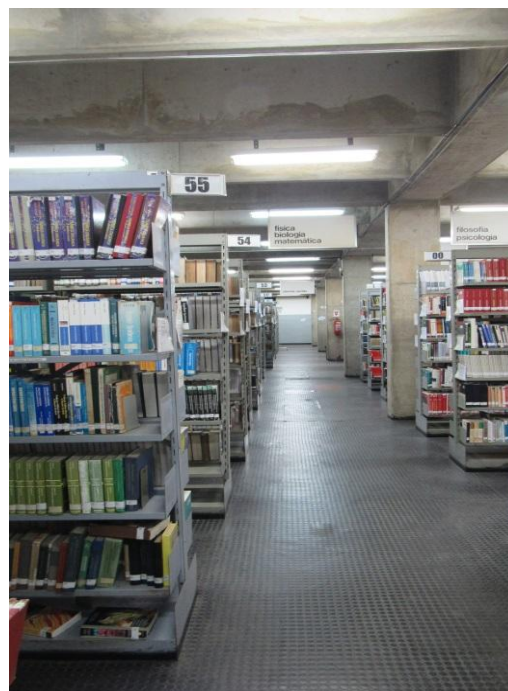
O inventário na Biblioteca Central, durante o período da greve, foi realizado com o auxílio de 3 coletores em um acervo de cerca de 22.9532 exemplares (Fotografia 20) e contou com a participação de bibliotecários, técnicos e bolsistas que não participaram da prática da greve. O inventário e as conferências posteriores foram realizadas no período de 1/6/2015 a 20/7/2015.

Fotografia 19 – Coletores Magnéticos utilizados no Inventário



Fonte: da autora (2015b)

Fotografia 20 – Acervo Inventariado no Período da Greve



Fonte: da autora (2015c)

Percebe-se que a greve propiciou novas atribuições para os servidores praticantes, conforme exposto anteriormente por Viana (2007). Esse argumento pode ser observado também para os não-praticantes, isto é, constata-se que a greve promoveu alterações também nas atividades dos não-praticantes. Os não-praticantes da greve foram direcionados para atividades que só poderiam ser realizadas com o fechamento da biblioteca, como por exemplo, o inventário do acervo, o que demonstra que a prática da greve influenciou nos processos organizativos da biblioteca pesquisada.

Somado a isso, observa-se que as atividades de atendimento aos usuários, tais como: empréstimos e renovações de materiais, utilização de cabines de estudo e pesquisa, bem como treinamentos diversos ficaram prejudicadas com a greve. Deste modo, percebe-se que o cotidiano da biblioteca sofreu modificações com o desempenho da prática da greve.

Apesar das atividades internas de alguns setores serem retomadas após o inventário, como por exemplo, o processamento técnico dos materiais, o controle bibliográfico (geração de exemplares, etiquetas e carimbos nos materiais catalogados) e os reparos de materiais, verifica-se que essas atividades citadas têm suas finalidades intimamente ligadas aos setores que foram mais afetados pela prática da greve (Empréstimo, Referência, Coleções Especiais, Multimeios). Apenas a elaboração das fichas catalográficas² continuou sendo realizada, porém, o contato dos discentes com o setor foi possível apenas por e-mail. Esse fato demonstra que, mesmo que algumas atividades sejam realizadas no decorrer da greve, a finalidade primordial da biblioteca, que é o atendimento ao usuário ficou prejudicada (Fotografia 21) e, conseqüentemente, os processos organizativos foram reavaliados com o desempenhar dessa prática.

² Elaborada na Seção de Processamento Técnico, a ficha catalográfica atende os discentes de mestrado e doutorado da UFES, além da comunidade externa (produções acadêmicas, livros e outros materiais publicados).

Fotografia 21 – Biblioteca Central Fechada no Período da Greve



Fonte: da autora (2015d)

Com o intuito de compreender as implicações da prática da greve para os não-praticantes, buscou-se utilizar também os conceitos-chave da Etnometodologia. Assim, aponta-se no Quadro 5 as alterações percebidas para os não-praticantes da greve na biblioteca pesquisada.

Quadro 5 – Implicações da Greve para os Não-Praticantes segundo os Conceitos-Chave da Etnometodologia

| Conceito | Interpretação da Prática da Greve | Implicações para os não-praticantes (continua) |
|--------------------|--|--|
| Prática/Realização | As atividades identificadas na greve (o registro no ponto eletrônico, a permanência na tenda da greve; a utilização de artefatos de divulgação e manifestação e as atividades culturais) representam o cotidiano da prática na | A greve promoveu mudanças no cotidiano e nos processos organizativos da BC, gerando novas atividades, como por |

| Conceito | Interpretação da Prática da Greve | Implicações para os não-praticantes (continuação) |
|--------------------|--|--|
| Prática/Realização | biblioteca universitária pesquisada e são reconhecidas pelos seus membros como próprias do grupo praticante. | exemplo, o inventário do acervo e planejamentos internos diversos, que foram realizados durante o fechamento do espaço físico aos usuários. |
| Indicialidade | O conjunto de atividades identificadas traz sentido aos praticantes da greve. Do mesmo modo, os membros utilizam uma linguagem própria que representa a prática, como exemplo: “luta da/pela categoria”, “filiados” (aqueles que estão associados ao sindicato), “pelegos” ou “fura greves” para identificar os não-praticantes e “assembleias” (identificam as reuniões realizadas entre o sindicato e os servidores técnicos-administrativos). | <p>A identificação de sentidos para os que praticam a greve gera, conseqüentemente, implicações também na linguagem dos não-praticantes que se enxergam, não como “pelegos” ou “fura greves” mas como servidores que optaram em realizar o serviço interno e garantir os 30% de serviços oferecidos da BC.</p> <p>A filiação ao Sindicato e a participação nas Assembleias não podem ser excluídas também deste grupo, pois mesmo não participando da greve, muitos são filiados e compareciam</p> |

| Conceito | Interpretação da Prática da Greve | Implicações para os não-praticantes (continuação) |
|---|--|---|
| Indicialidade | | em alguns momentos das assembleias para saberem sobre o andamento da greve. |
| Reflexividade | O conjunto de atividades identificadas é perpetuado a cada prática da greve (como por exemplo, permanecer na tenda da greve), mas também podem ser modificadas de acordo com a necessidade de atuação dos praticantes (citam-se, a greve de ocupação em frente a biblioteca, as atividades culturais e artefatos de manifestação) que, conforme o contexto e o cotidiano da prática podem alterar-se no tempo e no espaço. | A reflexividade no caso dos não-praticantes permite perceber as atividades que são viáveis de serem realizadas durante a prática da greve. Em virtude do contingente reduzido de pessoal e, com o fechamento da Biblioteca Central, fez-se necessário desempenhar outras atividades que provavelmente não seriam realizadas ou demorariam para serem executadas com o funcionamento normal da BC (por exemplo, o inventário do acervo). |
| <i>Accountability</i> (Relatabilidade) | Identificam-se nas falas dos praticantes que as ações desempenhadas são comuns à prática da greve. Os artefatos de manifestação, por exemplo, estão sempre presentes no decorrer da prática | Nas falas dos não-praticantes identificam-se os argumentos da não atuação na prática como: atendimento as |

| Conceito | Interpretação da Prática da Greve | Implicações para os não-praticantes (conclusão) |
|---|--|---|
| <i>Accountability</i> (Relatabilidade) | e se justificam como forma de chamar a atenção para o movimento. | atividades internas do setor, atendimento das principais demandas dos usuários (por exemplo, emissão de nada consta para solicitação de trancamentos, diplomas e transferências, elaboração de fichas catalográficas para as dissertações/teses defendidas nas universidades e que possuem prazo para entrega), cansaço e mesmo falta de interesse na atuação em movimentos grevistas |
| Noção de membro | O conjunto de atividades mapeadas (permanecer na tenda da greve, atividades culturais, artefatos de divulgação e manifestação, assim como o próprio registro do ponto eletrônico no local de trabalho e a assinatura da lista de presença na tenda) permite identificar claramente quem são os indivíduos que estão praticando a greve e os torna membros daquela prática. | O conjunto de atividades mapeadas (realização do inventário, planejamentos e outras atividades internas) realizadas com um quantitativo reduzido de pessoal trouxe também um sentimento de pertencimento ao grupo dos não-praticantes. |

Fonte: a autora (2015c)

Nas observações relatadas no diário de campo percebe-se que, os sentimentos presentes no cotidiano dos não-praticantes são de ansiedade, angústia, incertezas e estresse. Esses sentimentos surgem especialmente, devido a situação vivenciada pelos colegas (técnicos administrativos), que encontravam-se em greve e que sofreram pressão institucional, como também do lado dos não-praticantes para o cumprimento das atividades profissionais nesse contexto.

Destaca-se, conforme exposto anteriormente, a ocorrência de mudanças significativas tanto no cotidiano organizacional como nos processos organizativos da biblioteca. Somada a essas alterações vale ressaltar que a prática da greve promoveu sentimentos controversos entre os técnicos administrativos (praticantes e não-praticantes), ou seja: motivação e desânimo, luta e cansaço, união e separação fazendo com que os técnicos buscassem mecanismos de defesa (nas falas) mas também ações que permitissem o convívio amigável entre os posicionamentos antagônicos, como por exemplo, os cafés coletivos promovidos na entrada da biblioteca com o intuito de agregar tantos os servidores praticantes como os não-praticantes da greve.

A partir do entendimento das implicações para os não-praticantes da greve, faz-se necessário compreender a prática segundo a visão dos discentes. Essa visão não pretende ser exaustiva, porém, permite refletir sobre os possíveis caminhos da biblioteca universitária e levanta questões relevantes para o entendimento da prática da greve no contexto acadêmico da universidade pesquisada.

5.4 Discentes e a Greve

No período de 11 de agosto a 31 de agosto de 2015 foram realizadas 35 conversas informais com os discentes que encontravam-se no campus no período da greve. Buscou-se abordar os discentes que ocupavam os diversos centros com o intuito de levantar como a prática da greve na Biblioteca Central foi percebida pelos estudantes da universidade.

Identificou-se que, 90% eram discentes da graduação. Do total de discentes abordados, cerca de 25%, nunca utilizaram o espaço da Biblioteca Central ou utilizaram de forma restrita. As justificativas apresentadas por estes alunos para nunca terem utilizado a Biblioteca Central foram: a recente entrada na universidade, alguns eram calouros em seus cursos e ainda não tinham utilizado a Biblioteca Central; outros informaram que utilizavam pouco o espaço e o acervo da Biblioteca Central, pois estavam mais próximos das bibliotecas setoriais, onde o acervo é mais específico do curso que frequentam.

Os alunos relataram que, com o fechamento da Biblioteca Central devido à prática da greve, os mesmos utilizaram mais a internet. Além disso, utilizaram também as copiadoras para reprodução de materiais deixados pelos professores e o empréstimo de livros em algumas bibliotecas setoriais, que não fecharam durante a greve.

No entanto, os mesmos alunos informaram que nem todas as disciplinas e professores disponibilizam materiais em copiadoras, o que dificultava o acesso à informação no período de greve. Com isso, recorreram também ao empréstimo de livros com colegas de curso em períodos mais avançados e até mesmo a compra de livros novos por falta de acesso aos materiais da Biblioteca Central.

Observa-se que os discentes abordados encontravam-se fora do seu horário de aula e estudavam nos mais variados locais como: bancos de cimento; escadas próximas ao restaurante universitário (RU) e aos centros de cursos; cadeiras das cantinas; escadas e parapeitos localizados nos centros de cursos; no chão dos corredores e próximo à lagoa (Fotografias 22, 23, 24 e 25). Esses locais foram citados pelos discentes como alternativas utilizadas após o fechamento da Biblioteca Central e das Bibliotecas Setoriais.

Fotografia 22 – Bancos de Cimento e Escadas próximos ao RU onde os Discentes Estudavam



Fonte: da autora (2015e)

Fotografia 23 – Bancos de Cimento nos Centros de Curso onde os Discentes Estudavam



Fonte: da autora (2015f)

Fotografia 24 – Cadeiras nas Cantinas onde os Discentes Estudavam



Fonte: da autora (2015g)

Fotografia 25 – Escadas, Parapeitos e Chão onde os Discentes Estudavam



Fonte: da autora (2015h)

Como resultado das observações e relatos coletados no campo, descreve-se a seguir (Quadro 6) as implicações da greve para os discentes segundo os cinco conceitos-chave da Etnometodologia.

Quadro 6 – Implicações da Greve para os Discentes segundo os Conceitos-Chave da Etnometodologia

| Conceito | Implicações para os Discentes (continua) |
|--------------------|---|
| Prática/Realização | <p>A greve promoveu mudanças no cotidiano de pesquisa e aprendizagem dos discentes, estes últimos buscaram formas alternativas que atendessem o conteúdo das disciplinas mesmo com o fechamento da Biblioteca Central, como por exemplo: pesquisa de materiais na internet; reprodução de textos nas copiadoras; empréstimos de materiais com colegas de sala e/ou períodos posteriores, pesquisa nas bibliotecas setoriais que encontravam-se abertas e até compra de livros, como forma de minimizar os efeitos da greve. Somado a isso, promoveu alterações nos locais de estudo e leitura, como por exemplo: bancos e mesas localizados nas áreas comuns dos cursos e próximos às cantinas, bem como salas de aulas vazias.</p> |
| Indicialidade | <p>A identificação de sentidos para os que praticam a greve gera, conseqüentemente, implicações para os discentes que sentem-se prejudicados com o fechamento dos espaços destinados ao seu aprendizado (por exemplo, Biblioteca Central) e enxergam que foram os mais afetados com a prática da greve. Percebe-se também que a prática da greve gerou certa ansiedade nos discentes em relação à qualidade do ensino e o desestímulo à aprendizagem devido às dificuldades de acesso aos materiais informacionais por parte dos alunos.</p> |
| Reflexividade | <p>A reflexividade permite perceber que novas alternativas foram demandadas aos discentes para que atendessem as exigências do curso e dos docentes. Em virtude da prática da greve fez-se necessário implementar ações que provavelmente não seriam realizadas, caso a biblioteca estivesse funcionando normalmente, como por exemplo: leitura e estudo em bancos, no chão e nas cantinas e áreas abertas do campus universitário.</p> |

| Conceito | Implicações para os Discentes (conclusão) |
|---|---|
| <i>Accountability</i> (Relatabilidade) | Nas falas dos discentes percebe-se que os mesmos entendiam a necessidade de reivindicação dos técnicos administrativos por melhores condições de trabalho e também por melhorias nas universidades federais brasileiras. No entanto, os alunos relataram as dificuldades geradas por essa prática em relação ao estudo, ensino e pesquisa, prejudicando o andamento dos cursos, especialmente, aqueles que não possuíam bibliotecas setoriais abertas nesse período. |
| Noção de membro | O conjunto de atividades mapeadas (mudança nas ferramentas de pesquisa e materiais de ensino/aprendizagem, alteração nos locais de leitura e estudo) trouxe sentimentos antagônicos aos alunos. Ao mesmo tempo, que os discentes sentiam-se sozinhos, na busca por materiais e locais de estudo no contexto de greve, os mesmos relatam que encontraram ajuda de colegas de períodos posteriores e de amigos de outros cursos e instituições que forneceram alguns materiais. Essas ações auxiliaram os alunos da universidade pesquisada e trouxeram um sentimento de pertencimento ao grupo de alunos que passavam pelas mesmas dificuldades. |

Fonte: a autora (2015d)

Somada às informações do Quadro 6, constata-se que, do total de conversas informais, três ocorreram com alunos de mestrado e apenas 1 deles utilizava os materiais disponibilizados pela Biblioteca Central, os outros dois discentes frequentaram a Biblioteca Central apenas na graduação, como local de estudos e empréstimo de materiais. Estes discentes relataram que, independente do fechamento da Biblioteca Central, têm como prática de estudo a pesquisa remota de materiais, como por exemplo, a busca nas bases de dados e na internet. Além disso, recorrem aos materiais deixados nas copiadoras e arquivos eletrônicos disponibilizados pelos professores, bem como materiais e livros de colegas e a compra de livros.

Este fato coaduna com o exposto por Barbosa e Franklin (2011) e Lewis (2013). Os primeiros autores destacam que duas políticas se intensificam nas bibliotecas universitárias: o princípio do *open access* e a desmediação. O *open access* permite uma maior visibilidade da informação científica na internet e a desmediação possibilita a autonomia do usuário na busca e recuperação da informação, o que gera uma transformação também nos processos organizativos das bibliotecas que precisam oferecer soluções de interatividade e disponibilização online da informação (BARBOSA; FRANKLIN, 2011).

Lewis (2013, p. 2, tradução nossa) também afirma que “a existência de uma rede de comunicação mundial, como é o caso da internet possibilita a disponibilização online dos documentos e, conseqüentemente, exige uma transformação também nas práticas das bibliotecas”. Com isso, percebe-se que o impacto das tecnologias nas bibliotecas já identificadas em pesquisas anteriores também ocorre na Biblioteca Central da UFES e demandam adequações também nos espaços físicos. Por exemplo, foi relatado pelos alunos que a falta de mais computadores para estudo e pesquisa é uma das justificativas para eles não utilizarem a biblioteca.

Cabe destacar que algumas ações institucionais reforçam essa dinâmica, na direção do uso cada vez maior dos computadores por parte dos usuários, inclusive de maneira autônoma. Segundo o relato de alguns servidores, a Biblioteca Central tem investido na autonomia dos seus usuários, por meio de capacitações que vão desde a orientação ao catálogo do Sistema Integrado de Bibliotecas - SIB/UFES, aos treinamentos como: Fontes de Informação Online, Portal de Periódicos Capes, Gerenciador Bibliográfico EndNote, Indicadores de Impacto Científico entre outros. Essas capacitações, principalmente aquelas com foco no uso das bases de dados, de acordo com os servidores, possuem grande procura pelos alunos de pós-graduação, mas não pelos alunos de graduação da universidade. Esse fato vai ao encontro do observado junto aos discentes de graduação, pois, estes últimos utilizam bastante os materiais disponibilizados pelos professores nas copiadoras e os sites de busca na internet, porém, não relatam a pesquisa nas bases de dados.

Essa transformação virtual da informação permite repensar também os rumos da prática da greve nas universidades, pois, ampliando a autonomia dos discentes nesse espaço, novos serviços podem ser desenvolvidos remotamente mesmo com o fechamento do espaço físico da biblioteca. Esse repensar possibilita também o desempenho de novas práticas pelos atores que trabalham com informação e, conseqüentemente, afeta os processos organizativos da biblioteca universitária.

Assim, segundo Suchman et al. (1999), o entendimento do uso das tecnologias enquanto práticas sociais contribui para o aprofundamento da compreensão das organizações enquanto contextos sociais uma vez que a tecnologia influencia atualmente a forma dos processos organizativos e a maneira de enxergar e entender as organizações. Posto de outra forma, as tecnologias mudam as maneiras de interação e vivência cotidiana das pessoas, dentro e fora do contexto organizacional, o que nos obriga a considerá-la como parte do agir das organizações.

No caso da Biblioteca Central, a ampliação da autonomia dos discentes e a possibilidade de buscar informações por outros meios faz parte da dinâmica na qual a prática da greve envolve o que alguns classificaram como prejuízo para a vida acadêmica dos discentes na universidade. Os alunos descrevem que a prática da greve gera implicações como: a falta de espaços disponíveis para estudo e pesquisa, carência de espaços para realizar apresentações, a inviabilidade na consulta e empréstimo de materiais necessários às disciplinas e mesmo o aumento nas despesas dos estudantes, que precisam algumas vezes comprar e reproduzir mais materiais nas copiadoras.

Assim, percebe-se que a prática da greve implica em alterações nos mecanismos de estudo e aprendizagem por parte dos discentes, especialmente, para os alunos de graduação que dependem mais dos espaços físicos e materiais impressos disponibilizados pela Biblioteca Central. Com relação aos alunos de pós-graduação entende-se, nas conversas informais realizadas, certa minimização desses impactos na medida em que os discentes utilizam ferramentas tecnológicas para estudar remotamente, bem como localizam materiais disponibilizados online.

As implicações da prática da greve na vida acadêmica dos discentes promovem, conseqüentemente, reflexões para a universidade como um todo e, especialmente, para a Biblioteca Central. Esta última continua a ser, conforme

destaca Latimer (2011, p. 117, tradução nossa), “um símbolo cultural e social e um lugar para a interação da comunidade e celebração da aprendizagem”, no entanto, o contexto da greve possibilita refletir sobre as novas demandas sociais para este espaço. Quais seriam as práticas e os novos processos organizativos que os profissionais ligados à informação poderiam desempenhar para suprir as necessidades informacionais da comunidade interna e externa à universidade.

Somadas a essas questões, outro ponto que merece reflexão refere-se ao impacto das tecnologias nos processos organizativos da Biblioteca Central. Consoante ao que foi identificado junto aos discentes faz-se necessário pensar os rumos da educação no Brasil e como a universidade e, especialmente, a biblioteca universitária pode contribuir como um ambiente de suporte. Ambiente este que permita cada vez mais navegar no mundo informacional disponível, indo além das paredes físicas da biblioteca.

Vale ressaltar também o caráter educativo que a prática da greve deve revelar não apenas para os praticantes, mas para toda a sociedade. Esse aspecto educativo refere-se aos debates, deliberações, assembleias realizados entre os praticantes, mas inclui também a socialização dos motivos e objetivos da greve para a comunidade interna e externa à universidade (MARTINS, 2013). Ainda segundo Martins (2013), torna-se importante aproximar a universidade da sociedade local e contar com a adesão dela no processo de luta. É imprescindível partilhar, não só as pretensões veiculadas pela mídia: salários, mas mostrar que a greve, além do plano de cargos, carreira e salário, deseja auxiliar no processo de democratização da universidade e no apoio às demandas da comunidade.

Assim, diante do exposto sobre a prática, praticantes e não-praticantes (técnicos administrativos, bolsistas, terceirizados e discentes), resta-nos concordar com Weick e Putnam (2006), que invocam o conceito de *Organizing* para entender a interdependência entre os objetos (não-humanos) associados a ação coletiva (humana). Para os autores, é essa relação que nos possibilita compreender o cotidiano como “um processo contínuo, que ora, aparece e desaparece, forma-se e dissolve apesar dos nossos esforços em mantê-lo permanentemente no lugar” (WEICK; PUTNAM, 2006, p. 283, tradução nossa). Entender essa dinamicidade na

prática da greve permite-nos refletir sobre como ela foi desempenhada a cada instante e como ela é fluída e se modifica cotidianamente.

Portanto, ao compreender que a greve não é uma prática isolada permite-se enxergar como ela é interdependente a outras práticas, isto é, a greve modifica e é modificada por ações realizadas em outros contextos. Com a paralisação de parte dos técnicos administrativos da Biblioteca Central pesquisada percebeu-se a inviabilidade de funcionamento normal das atividades ligadas ao atendimento ao usuário. Esse fato promoveu, conseqüentemente, transformações nos processos organizativos da biblioteca, que foram adaptados à nova realidade e visavam o atendimento das atividades consideradas essenciais.

Da mesma maneira, constata-se modificações nas ferramentas de estudo e pesquisa dos discentes, especialmente para os alunos de graduação. Estes últimos apresentaram uma dependência maior em relação aos materiais impressos, o que favoreceu a busca por alternativas que sanassem as dificuldades de acesso a esses materiais, bem como de locais de estudo devido a ausência desse espaço físico. Com as alterações no cotidiano dos técnicos administrativos (praticantes e não-praticantes) e dos discentes percebe-se a relevância dos estudos voltados para a compreensão das práticas no contexto organizacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar os processos organizativos neste estudo, procurou-se pesquisar a biblioteca universitária em uma abordagem mais próxima da ideia de movimento e da ação dos seus atores. Dizendo de outra maneira, a biblioteca foi entendida como um contínuo de construções cotidianas que são perpetuadas e modificadas a partir das práticas. A partir dessa perspectiva, buscou-se contribuir com novos olhares para os estudos organizacionais da área de Ciência da Informação e também da Administração com foco na temática da greve. Para isto este estudo partiu do seguinte objetivo: compreender o processo organizativo da greve na Biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo.

Constata-se que o objetivo geral da pesquisa foi alcançado, pois, por meio das observações e das conversas informais foi possível reconhecer como ocorre o processo organizativo da prática da greve na biblioteca universitária estudada. Esse reconhecimento revelou a organização da prática da greve como constituída por atores humanos e não-humanos que se relacionam. Isso levou à compreensão dos locais de interação entre esses atores, enquanto sistemas fragmentados de conhecimento nas quais pessoas, símbolos e tecnologias atuam juntas para construir e reconstruir o entendimento social e a ação organizacional (BISPO, 2011).

Os processos organizativos apresentaram-se dinâmicos e inter-relacionados entre os atores humanos (técnicos administrativos, bolsistas, terceirizados) e não-humanos (equipamento do ponto eletrônico; tenda da greve; artefatos de divulgação; artefatos de manifestação; atividades culturais e recreativas) na prática.

Outra constatação deste estudo refere-se à utilização da etnometodologia. De maneira convergente com o que defende Francis e Hester (2004), foi possível compreender no relato etnometodológico, a partir das falas e das ações, quais métodos eram utilizados pelos atores para produzir, reconhecer e ordenar as atividades sociais.

Ao utilizarmos os cinco conceitos-chave da etnometodologia para compreensão da greve, percebeu-se que: a prática/realização foi desempenhada no registro no ponto eletrônico, na permanência na tenda da greve; na utilização de artefatos de divulgação e manifestação e nas atividades culturais. O cotidiano

descrito da prática foi reconhecido pelos membros como próprias do grupo praticante. Já a indicialidade representou o conjunto de atividades identificadas que trouxeram sentido aos praticantes da greve. Nesse item, reconheceu-se que os membros utilizavam uma linguagem própria, representativa da prática, como por exemplo: “luta da/pela categoria”, “filiados” (aqueles que estão associados ao sindicato), “pelegos” ou “fura greves” para identificar os não-praticantes e “assembleias” (identificam as reuniões realizadas entre o sindicato e os servidores técnicos-administrativos).

Com relação à reflexividade, percebeu-se que o conjunto de atividades identificadas é perpetuado a cada prática da greve, cita-se como exemplo, a permanência na tenda da greve. No entanto, essas atividades podem ser modificadas, de acordo com a necessidade de atuação dos praticantes (como por exemplo, a greve de ocupação em frente à biblioteca, as atividades culturais e artefatos de manifestação) que, conforme o contexto e o cotidiano da prática podem alterar-se no tempo e no espaço.

Na relatibilidade ou *accountability* constatou-se nas falas dos praticantes, que as ações desempenhadas são comuns à prática da greve. Os artefatos de manifestação, por exemplo, estão sempre presentes no decorrer da prática e se justificam como forma de chamar a atenção para o movimento. Do mesmo modo, a noção de membro, possibilitou entender que o conjunto de atividades mapeadas (permanecer na tenda da greve, atividades culturais, artefatos de divulgação e manifestação, assim como o próprio registro do ponto eletrônico no local de trabalho e a assinatura da lista de presença na tenda) denotam claramente a identificação dos indivíduos que estão praticando a greve e que se reconhecem como praticantes.

A partir da análise da dinâmica entre esses aspectos foi possível compreender que os processos organizativos desempenhados na prática da greve não ocorreram por meios formais, ou seja, foram construídos tacitamente no agir negociado entre todos os seus membros no cotidiano, situação que valoriza as faculdades sensoriais e a influência da estética neste processo. Contudo, é preciso mencionar que o processo de *organizing* da greve influenciou substancialmente a definição de processos formais dentro da biblioteca, especialmente no que se refere ao atendimento aos usuários.

Esse atendimento foi radicalmente alterado devido à redução dos serviços oferecidos à comunidade universitária e a comunidade externa. Este fato gerou, conseqüentemente, mudanças na forma de estudar e pesquisar das comunidades atendidas. Observou-se aqui um fenômeno já apontado por Cooper (1986, p. 305, tradução nossa), para quem “a transformação do trabalho está centrada em uma condição intrinsecamente ambígua, entre um processo que é ordenado na organização e também está ligado a um estado contrário de desorganização”.

Trazendo o exposto por Cooper (1986), para o contexto investigado constata-se que a mutualidade organização-desorganização está presente na prática da greve dos técnicos administrativos da biblioteca universitária pesquisada como um todo, não apenas, no atendimento acima exemplificado. Dito de outra maneira, a organização, percebida nos processos organizativos da biblioteca universitária em uma situação de “normalidade”, coexiste com os processos organizativos presentes em uma situação de aparente desorganização, ou seja, no desempenhar da prática da greve.

Descrevemos como aparente desorganização, pois, apesar de gerar uma situação “fora da normalidade” na biblioteca universitária, a prática da greve apresenta processos organizativos próprios que lhe conferem também um status de organização. Observa-se que o desempenhar de atividades da greve pelos atores humanos e não-humanos passa a ser reconhecido como pertencente a organização dessa prática. Esse organizar-desorganizar torna-se, segundo Cooper (1986, p. 305, tradução nossa), “uma questão central na análise da organização social e da ação social”.

Dentro desse organizar-desorganizar destaca-se que nas conversas informais dos praticantes, não-praticantes e discentes as opiniões sobre a prática da greve convergem com as levantadas no estudo de Amadi e Precious (2015) na Universidade de *Rivers State*, Nigéria (África). Nesse último estudo, os autores identificaram como reivindicações dos trabalhadores (nesta pesquisa entende-se como técnicos-administrativos) relacionadas à prática da greve os seguintes aspectos: o descontentamento com a qualidade do ensino na universidade, a dificuldade de negociação salarial entre governo e trabalhadores, a necessidade de ampliação dos recursos e a autonomia universitária. Mas o processo organizativo da

prática da greve, aqui evidenciado, indica que a greve é muito mais do que um simples caminho objetivo para resolver essas questões, ela apresentou implicações subjetivas complexas.

Os técnicos evidenciaram um sentimento de desânimo, estresse e insegurança em relação aos rumos tomados a partir da deflagração da greve. Ao mesmo tempo em que também demonstraram ânimo para articular um pensamento crítico e sua inserção em um ambiente acadêmico no qual se luta por melhorias no sistema educacional não apenas por benefícios pessoais.

Outro ponto a ser considerado sobre a greve é o repensar dos rumos e dos papéis demandados não apenas para esta prática, especificamente, mas também para outras práticas realizadas na biblioteca universitária. Se a greve por si só é mutável e, gera modificações internas a cada desempenho da greve, não foi estranho identificar que essa mesma dinamicidade ocorre nos processos organizativos dos não-praticantes a ela ligados (técnicos administrativos e discentes). O cotidiano na biblioteca universitária é modificado e está intimamente ligado à prática da greve. Antigas atividades se misturam com novas em virtude das mudanças promovidas pela greve.

Conforme Chan e Spodick (2014) a tecnologia não deve ser vista como uma ameaça, mas como uma oportunidade para trazer novos usuários e usar o espaço das bibliotecas de maneira diferente e inovadora. A biblioteca como um lugar de encontro é outra tendência, segundo esses autores, e deve ser explorada.

Com relação as limitações da pesquisa, cita-se a impossibilidade de acompanhar todas as atividades da prática da greve, especialmente no período da manhã, devido ao trabalho da pesquisadora na biblioteca estudada. No entanto, para minimizar essa limitação foram realizadas conversas informais com os praticantes da greve, bem como a utilização de fotografias tiradas pelos praticantes. A inserção da pesquisadora no grupo dos não-praticantes possibilitou também o olhar de fora do processo organizativo da greve.

Como contribuições deste estudo, cabe destacar novamente que dentre os artigos levantados sobre a prática da greve, não foram identificadas pesquisas que utilizaram a abordagem dos Estudos Baseados na Prática (EBP) e a etnometodologia. Considero que muitas são as possibilidades nessas abordagens

para os estudos organizacionais da área da biblioteconomia. Esta pesquisa dissemina as contribuições dessa ótica para os estudos desenvolvidos em uma biblioteca universitária ao usar seu potencial para revelar os caminhos que vem trilhando outras áreas do conhecimento.

Ao ser desenvolvida em uma Biblioteca Universitária Federal esta dissertação contribuiu para ampliação dos estudos realizados na esfera pública. Segundo Arellano-Gault et al. (2013), existe um campo amplo a ser investigado nos estudos organizacionais voltados para essa esfera, no entanto, a visão racional e, muitas vezes, prescritiva ainda prevalece nessas pesquisas. Complementando o exposto anteriormente sob a esfera pública, Cavanagh (2013) destaca que existe uma lacuna de pesquisa na área da biblioteconomia que é não transpor as barreiras do entendimento das organizações e dos processos organizacionais como algo estático e prescritivo. A autora sugere que a abordagem da prática possibilita um olhar interpretativo e processual do cotidiano.

Este estudo, portanto, possibilita uma reflexão que vai além da hegemonia do conceito de “organização” entendido como um substantivo ou associado a algo organizado. Ao entender esse conceito como um processo contínuo, que é construído e modificado cotidianamente, preenche essa lacuna dos estudos organizacionais da Ciência da Informação que, em sua maioria, estão voltados para a moldura tradicional e objetivista da área.

A partir dessa ótica este estudo contribuiu também para a compreensão das particularidades da prática da greve, que encontram-se além do processo organizativo formal de uma biblioteca universitária. Este trabalho permitiu compreender que a biblioteca universitária representa uma rede de atores heterogeneamente conectados e que são perpetuados por um processo ativo que traz sentidos diversos no desempenhar da prática da greve.

Esses sentidos diversos são percebidos ao evidenciar as ações e os atores (humanos e não-humanos) envolvidos na prática da greve. Ao voltar a atenção também para os atores não-humanos, permite-se que estes ganhem significado e atribuam significado à ação humana. No contexto dinâmico da greve os atores convivem em constante interação, compreendem e constroem significados e

sentidos para as atividades cotidianas e fazem das organizações, espaços de aprendizagem e geração de conhecimento (HATCH; YANOW, 2003).

Deste modo, a pesquisa contribui ao não assumir a existência como dada, mas sim como algo que é construído por meio de práticas e relações (LAW, 1992). As práticas desempenhadas em um contexto de greve, bem como outras práticas criadas ou modificadas a partir desse contexto são assumidas como dinâmicas, ou seja, estão em constante movimento.

Constata-se que a dinamicidade da prática da greve é percebida nas negociações realizadas nas assembleias. Essas negociações ocorrem com o intuito de definir algumas atividades a serem desenvolvidas pela categoria; essa dinamicidade ocorre também na forma como os atores se apropriam das atividades desenvolvidas em outras greves e as renovam, como por exemplo, a greve de ocupação em frente a biblioteca e as atividades de manifestação, que sofrem alterações a cada movimento (por exemplo: o boneco da presidente, a vaca alugada e colocada em frente a reitoria). Com isso, percebe-se que, ao utilizarmos a abordagem dos Estudos Baseados na Prática, é possível desvelar a processualidade das ações na prática, em especial, na prática da greve.

A pesquisa contribui, portanto, no sentido em que possibilita revelar a greve com um olhar de dentro da prática, ou seja, ao incluir os diversos atores, sentimentos e ações cotidianas desempenhadas permite-se enxergar a dinamicidade dessa prática. Os processos organizativos da prática da greve foram entendidos não como algo estático dentro da organização, mas como algo que é fluído e pode ser transformado a todo instante. Ressalta-se também o papel dos diferentes pontos de vista entre os atores (concordâncias e discordâncias) presentes no desempenhar da prática. Essas diferentes formas de pensar trouxe riqueza as negociações sobre a realização da greve e permitiu modificações e avaliações também em outras práticas (não-praticantes e discentes).

Dentro dessa dinâmica, um aspecto que merece pesquisas futuras refere-se ao impacto das tecnologias nos processos organizativos da biblioteca universitária com o desempenhar da prática da greve. Percebe-se que a greve influencia na utilização dessas tecnologias, tanto para os praticantes e não-praticantes (alteração nas atividades rotineiras, especialmente no que se refere ao atendimento aos

usuários) como também para os discentes (tiveram que recorrer as tecnologias para atender as suas demandas).

As abordagens dos Estudos Baseados na Prática e a Etnometodologia ofereceriam contribuições para aprofundar essa dinâmica, ou seja, esclarecer o impacto das tecnologias na biblioteca universitária que ocorre além da prática da greve. Sugere-se que a mesma abordagem possa ser aprofundada em outras práticas da biblioteca universitária que estão inseridas nessa dinâmica, como sugestão: a prática tecnológica nas bibliotecas.

Essas pesquisas, assim como neste estudo, devem se voltar para um olhar menos técnico e mais reflexivo sobre as práticas cotidianas, assumindo uma nova possibilidade de estudos organizacionais na área da Ciência da Informação. Ao constatar a dinamicidade presente nas bibliotecas universitárias, defende-se que a abordagem aqui adotada contribui para pensar o desempenho de novas práticas, que permitam navegar no mundo informacional disponível, indo além das paredes físicas da biblioteca.

7 REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e análise organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v.16, n. 51, p. 647-664, out./dez. 2009.

AMADI, E. C.; PRECIOUS, U. Educational management planners'view of strike action and its effects on educational management in universities in Rivers State. **Singaporean Journal of Business Economics and management Studies**, v. 4, n. 7, 2015.

ANDREW, N.; TOLSON, D.; FERGUSON, D. Building on Wenger: communities of practice in nursing. **Nurse Education Today**, v. 28, p. 246–252, 2008.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 266-281, jul./set. 2009.

ARELLANO-GAULT, D. et al. Bringing public organization and organizing back in. **Organization Studies**, v. 34, n. 2, p. 145–167, 2013.

ATTEBURY, R. I. et al. Practice makes perfect? A retrospective look at a community of practice. **Library Philosophy & Practice**, 2013.

BALARDIN, M.; NISHIMURA, S. A universidade em tempos de precarização: nexos entre a reforma universitária e a greve nas federais. **Cadernos de Debates da EXNEEF**, 2012. Disponível em: <<http://www.exneef.libertar.org/wp-content/uploads/2011/11/Texto-Universidade-em-tempos-de-precariza%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

BARBOSA, M. L. A.; FRANKLIN, S. Controle, avaliação e qualidade de serviços em unidades de informação. In: LUBISCO, N. M. L. (Org.). **Biblioteca universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão**. Salvador: EDUFBA, 2011.

BARNETSON, B. Alberta's 2002 teacher strike: the political economy of labor relations in education. **Education Policy Analysis Archives**, v. 18, n. 3, p. 1-26, 2010.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BISPO, M. de S. Methodological reflections on practice-based research in organization studies. **Brazilian Administration Review**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 309-323, July/Sept. 2015a.

BISPO, M. de S. Processo de organizar em agências de viagens: influências estéticas, etnometodológicas e práticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 8, n. 1, p. 161-182, jan./mar. 2014.

BISPO, M. de S. **O processo de aprendizagem coletiva e o uso da tecnologia em agências de viagens**: contribuições dos estudos baseados em prática e da etnometodologia. 2011. 156 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. Etnometodologia: uma proposta para pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 12, n. 2, maio/Ago. 2014.

BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. Etnometodologia: uma proposta teórico-metodológica para pesquisa em administração a partir das práticas cotidianas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD – EnEO, 7., 2012a, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2012/2012_ENEO266.pdf> . Acesso em: 28 nov. 2014.

BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. The learning process of the use of technologies as practice: an ethnomethodological approach in travel agencies. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 6, n. 2, p. 160-180, mai./ago. 2012b.

BISPO, M. de S.; SANTOS, I. S. A e. A organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado. **FAROL – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 1, n. 2, p. 379-416, dez. 2014.

BOJABOTSEHA, T. P.; MOLOI, K. C. 2011 National education, health and allied workers' union (Nehawu) workers' strike in one university of technology (UOT). **Mediterranean Journal of Social Sciences**, v. 4, n. 13, p. 133-141, 2013.

BONIN, G. A.; HARRISON, D. Rebatir la confiance apres une greve de longue duree: est-ce possible? = Re-establishing trust after a long-term strike: is it possible? **Relations Industrielles/Industrial Relations**, v. 63, n. 2, p. 246-267, 2008.

BOURDIEU, P. **The logic of practice**. Califórnia: Stanford University Press, 1990.

BROUGHTON, K. Workforce transformation: communities of practice as tools for organizational change and self-directed professional development. **Association of Research Libraries**, 2014.

BRUNI, A.; GHERARDI, S.; PAROLIN, L. L. Knowing in a system of fragmented knowledge. **Mind, Culture and Activity**, v. 14, n. 1-2, p. 83-102, 2007.

CAVANAGH, M. Sensemaking a public library's internet policy crisis. **Library Management**, v.26, n. 6/7 p. 351-360, 2005.

CAVANAGH, M. F. Interpreting reference work with contemporary practice theory. **Journal of Documentation**, v. 69, n. 2, p. 214-242, 2013.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina A. Nasser. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Sociologia).

CHAN, D. L. H.; SPODICK, E. Space development. **New Library World**, v. 115, n. 5/6, p. 250-262, 2014.

CHANLAT, J. F. O desafio social da gestão: a contribuição das ciências sociais. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Orgs.). **Clínicas do Trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 110-131.

CHIDAMBARANATHAN, K.; SWAROOP RANI, B. S. Knowledge management as a predictor of organizational effectiveness: the role of demographic and employment factors. **The Journal of Academic Librarianship**, 2015.

CLOUTIER, J.; DENIS, P. L.; BILODEAU, H. The dynamics of strike votes: perceived justice during collective bargaining. **Journal of Organizational Behavior**, v. 34, n. 7, p. 1016-1038, 2013.

COLARES, A. F. V.; SINDEAUX, R. V. Greve nas universidades federais em 2012: um movimento na academia e sua repercussão na sociedade. **Textos & Debates**, Boa Vista, v. 2, n. 24, p. 61-77, 2013.

COLVILLE, I.; BROWN, A. D.; PYE, A. Simplexity: sensemaking, organizing and storytelling for our time. **Human Relations**, v. 65, n. 1, p. 5–15, 2011.

COOPER, R. Organization/Disorganization. **Social Science Information**, v. 25, n. 2, p. 299-335, 1986.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management Learning**, v. 41, n. 3, p. 265–283, 2010.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: an International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008.

CZARNIAWSKA, B. Social constructionism and organization studies. In: WESTWOOD, R.; CLEGG, S. **Debating organization: point-counterpoint in organizations studies**. Oxford: Blackwell, 2003.

EVERED, R.; LOUIS, M. R. Alternative perspectives in the organizational sciences: "inquiry from the inside" and "inquiry from the outside". **The Academy of Management Review**, v. 6, n. 3., p. 385-395, 1981.

FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE TRABALHADORES TÉCNICOS-ADMINISTRATIVOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS DO BRASIL. **Informes de greve nº 05 – 18/06/2014**. Disponível em: <<http://www.fasubra.org.br/index.php/modules-menu/2014-03-18-20-20-40/junho#>>. Acesso em: 9 out. 2015.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing Practice and Practicing Theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, set./out. 2011.

FIET, L. Spectacle, performance, theatre: the 2010 student strike at the University of Puerto Rico. **Theatre Survey**, v. 52, n. 1, p. 139-152, 2011.

FIKSENBAUM, L. M. et al. Students' perceptions of fairness following an academic strike. **Canadian Journal of Higher Education**, v. 42, n. 3, p. 24-44, 2012.

FISHER, S.; ROWLEY, J. Management information and library management systems: an overview. **The Electronic Library**, v. 12, n. 2, p. 109-117, 1994.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

FRANCIS, D.; HESTER, S. **An Invitation to Ethnomethodology**: language, society and interaction. London: Sage, 2004.

FRANK, D. G. et al. The changing nature of reference and information services: Predictions and realities. **Reference & User Services Quarterly**, v. 39, n. 2, p. 151-157, 1999.

GARFINKEL, H. **Estudios en etnometodología**. Rubí: Anthropos ; Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. (Autores, Textos y Temas. Ciencias Sociales ; 52). Trad. Hugo Antonio Pérez Hernáiz.

GEIGER, D. Revisiting the concept of practice: toward an argumentative understanding of practicing. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 129-144, 2009.

GHERARDI, S. From organizational learning to practice-based knowing. **Human Relations**, v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001.

GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study**: problems and methods. United Kingdom: Edward Elgar, 2012.

GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the “practice lens”. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009a.

GHERARDI, S. Knowing and learning in practice-based studies: an introduction. **The Learning Organization**, v. 16, n. 5, p. 352-359, 2009b.

GHERARDI, S. **Organizational knowledge**: the texture of workplace learning. Oxford: Blackwell Pub., 2006.

GHERARDI, S. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 211-223, 2000.

GHERARDI, S. Practice? It’s a Matter of Taste! **Management Learning**, v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009c.

GHERARDI, S; NICOLINI, D. The Sociological Foundations of Organizational Learning. In: DIERKES, M. et al. (Org.). **Organizational learning and knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 35-60.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa qualitativa).

GOULART, D. C. **A greve dos professores das universidades federais**. Uma luta contra a universidade pública para o capital e a universidade do capital. [S.l]: [S.n.], 2012.

HATCH, M. J.; YANOW, D. Organization theory as an interpretative science. In: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. (Orgs.). **The Oxford Handbook of Organization Theory: meta-theoretical perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HENRICH, K. J.; ATTEBURY, R. Communities of Practice at an academic library: a new approach to mentoring at the University of Idaho. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 36, n. 2, p. 158–165, 2010.

JIMÉNEZ-MARTIN, S. Strike outcomes and wage settlements in Spain. **Labour**, v. 20, n. 4, p. 673-698, 2006.

KYMES, A.; RAY, B. Preparing school librarians in rural areas through distance education and communities of practice. **School Libraries Worldwide**, v. 18, n. 2, p. 35-40, 2012.

LATIMER, K. Collections to connections: changing spaces and new challenges in Academic Library Buildings. **Library Trends**, v. 60, n. 1, p. 112-133, 2011.

LATOUR, B. Where are the missing masses? The sociology of a few mundane artifacts. In: BIJKER, W.; LAW, J. **Shaping technology/building society: studies in sociotechnical change**. London: MIT Press, 1992.

LAW, J. Notes on the theory of the actor network: ordering, strategy and heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992.

LEWIS, D. W. From Stacks to the web: the transformation of academic library collecting. **College & Research Libraries**, v. 74, n. 2, p. 159-177, 2013.

LLOYD, A. Lessons from the workplace: understanding information literacy as practice. In: LLOYD, A.; TALJA, S. (Ed.). **Practising information literacy: bringing theories of learning, practice and information literacy together**. Wagga Wagga, NSW: Centre for Information Studies, 2010.

LUBISCO, N. M. L. (Org.). **Biblioteca universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão**. Salvador, BA: EDUFBA, 2011.

LUCAS, L. C. G.; LEHER, R. Aonde vai a educação pública brasileira? **Educação & Sociedade**, v. 22, n. 77, dez./2001.

MACWHINNIE, L. A. The information commons: the academic library of the future. **Libraries and the Academy**, v. 3, n. 2, p. 241-257, 2003.

MARTINS, F. J. Greve: movimento social, processo educativo e luta. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 147, 2013.

MATTOS, Marcelo-Badaró. Uma greve, várias lições. A greve das universidades federais no Brasil em 2012. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**, v. 4, n. 10, p. 135-142, 2013.

MAYNARD, D. W.; CLAYMAN, S. E. The diversity of ethnomethodology. **Annual Review of Sociology**, v. 17, n. 1, p. 385-418, 1991.

MILLER, R. E. Reference communities: applying the community of practice concept to development of reference knowledge. **Public Services Quarterly**, v. 7, n. 1/2, p. 18-26, 2011.

MOSER, E. M., CASAS, J. C.; LEMOS, M. G. O inventário do acervo parcial do sistema integrado de bibliotecas da biblioteca universitária da Universidade Regional de Blumenau (FURB): relato de experiência. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.6, n. 1, p. 84-100, jul/dez. 2008.

NAZIM, M.; MUKHERJEE, B. Librarian's perceptions of knowledge management in developing countries: a case with Indian Academic Libraries. **The International Information & Library Review**, v. 45, p. 63-76, 2013.

NICOLINI, D. **Practice theory, work, and organization**: an introduction. Oxford: Oxford University Press, 2012.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. **Knowing in organizations**: a practice-based approach. New York: M. E. Sharpe, 2003.

OLIVEIRA, S. A. de et. al. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. In: Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – EnEO, VI. **Anais...** Florianópolis / SC, 2010. 1 CD ROM.

OLIVEIRA, S. A. de; MONTENEGRO, L. M. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, artigo 7, p. 129-145, mar./2012.

PINHEIRO, L. V. O modelo participativo no desenvolvimento de coleções: o caso do Sistema de Bibliotecas da UFSC. In: AMBONI, N. de F. (Org.). **Gestão de bibliotecas universitárias: experiências e projetos da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 2013.

PSATHAS, G. Alfred Schutz's influence on American sociologists and sociology. **Human Studies**, v. 27, n. 1, p. 1-35, 2004.

RAWLS, A. W. Harold Garfinkel, ethnomethodology and workplace studies. **Organization Studies**, v. 29, n. 5, p. 701-732, 2008.

RHOMBERG, C. A signal juncture: The Detroit Newspaper strike and post-accord labor relations in the United States. **American Journal of Sociology**, v. 115, n. 6, p. 1853-1894, 2010.

SÁ-SILVA, J.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2009.

SÁNCHEZ AMBRIZ, G.; FLORES PAREDES, J. La gestión del conocimiento en las bibliotecas universitárias: ¿El qué, como y para qué? **Palabra Clave**, v. 2, n. 2, p. 24-39, 2013.

SANTOS, L. L. da Silveira; SILVEIRA, R. A. da. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, Jan./Mar. 2015.

SANTOS, R. do R.; GOMES, H. F. G.; DUARTE, E. N. D. O papel da biblioteca universitária como mediadora da informação para construção de conhecimento coletivo. **DataGramZero - Revista de Informação**, v. 15, n. 2, abr. 2014.

SEEHOLZER, J.; SALEM JR., J. A. Library on the go: a focus group study of the mobile web and the academic library. **College & Research Libraries**, v. 72, n. 1, p. 9-20, Jan. 2011.

SHAHID, S. Md. Knowledge management and role of library & information professionals in Indian Corporate Sector. **Journal of Information & Knowledge Management**, v. 13, n. 3, 2014.

SHUFFELTON, A. B. The Chicago teachers strike and its public. **Education and Culture**, v. 30, n. 2, p. 21-33, 2014.

SILVA, O. P. e. Greve e ética na universidade. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 80, p. 213-222, jan./abr. 2014.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA UFES-SINTUFES. **Greve vai começar dia 17 de março, segunda-feira!** 2014. Disponível em: <<http://www.sintufes.org.br/index.php/greve-vai-comecar-dia-17-de-marco-segunda-feira/>>. Acesso em: 9 out. 2015.

SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR-ANDES. **Comunicado nº 24 – 14 de julho de 2015**, 2015. Disponível em: <<http://grevenasfederais.andes.org.br/2015/07/14/comunicado-no-24-14-de-julho-de-2015/>>. Acesso em: 9 out. 2015.

SISTEMA Integrado de Bibliotecas - SIB/UFES. Disponível em: <<http://www.bc.ufes.br/>>. Acesso em: 1 set. 2015.

STRATI, A. Sensible knowledge and practice-based learning. **Management Learning**, v. 38, n. 1, p. 61–77, 2007.

STRATI, A. **Theory and method in organization studies**. London: Sage, 2000.

SUCHMAN, L. et al. Reconstructing technologies as social practice. **American Behavioural Scientist**, v. 43, n. 3, p. 392-408, 1999.

TEN HAVE, P. **Understanding qualitative research and ethnomethodology**. London: Sage, 2004.

TRINDADE, H. O discurso da crise e a reforma universitária necessária da universidade brasileira. In: MOLLIS, M. **Las universidades en América Latina: ¿reformadas o alteradas? La cosmética del poder financeiro**. Buenos Aires: Clacso, 2003. p. 161-180.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização de referências**: NBR 6023:2002. Vitória, ES: EDUFES, 2015a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. 2. ed. Vitória, ES: EDUFES, 2015b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **[Campus da Biblioteca Pesquisada]**. Vitória, 2015c. 1 figura. Disponível em: <http://web3.ufes.br/neesp/informacoes_instituicao.php>. Acesso em: 1 dez. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 08/2014**. Vitória, ES, 2014. Reestruturação Organizacional da Universidade Federal do Espírito Santo. Anexo, p. 22. Disponível em: <http://proaeci.ufes.br/sites/proaeci.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_no._08.2014_-_reestruturacao_ufes_0.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 09/2002**. Vitória, ES, 2002. Regimento Interno para a Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_09_2002.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento institucional. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2019**. Vitória, ES: UFES, 2015d.

VELMURUGAN, C.; THAVAMANI, K. Knowledge management process on academic libraries and challenges for library professionals in the electronic era. **International Journal of Information Dissemination and Technology**, v. 4, n. 3, p. 230-233. jul./set. 2014.

VERGUEIRO, W. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: Associação Paulista de Bibliotecários, 1989.

VERGUEIRO, W. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. Brasília, D.F.: Brique e Lemos, 2010.

VERGUEIRO, W.; CASTRO FILHO, C. M. de; SILVA, M. R. da. Gestão da informação em bibliotecas universitárias: novo cenário e novas competências. In: VALLS, V. M.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Tendências contemporâneas na gestão da informação**. São Paulo: Sociologia e Política Ed., 2011. p. 65-77.

VIANA, F. das C.; MESQUITA, D. L. de; MOURA, F. M. de. A Gestão do Conhecimento em Bibliotecas Universitárias: discutindo um processo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011., Maceió. **Anais eletrônicos...**

VIANA, M. T. Da greve ao boicote: os vários significados e as novas possibilidades das lutas operárias. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**. Belo Horizonte, n. 50, p. 239-264, jan./jul., 2007.

WEICK, K. E. Organized sensemaking: a commentary on processes of interpretive work. **Human relations**, v. 65, n. 1, p. 141-153, 2011.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. Thousand Oaks, Calif.: Sage, 1995.

WEICK, K. E. **The social psychology of organizing**. Reading: Addison-Wesley, 1967.

WEICK, K. E.; PUTNAM, T. Organizing for Mindfulness: eastern wisdom and western knowledge. **Journal of Management Inquiry**, v. 15, n. 3, p. 275-287, 2006.

WEICK, K. E.; SUTCLIFFE, K. M.; OBSTFELD, D. Organizing and the process of sensemaking. **Organization Science**, v. 16, n. 4, p. 409-421, 2005.

WEITZEL, S. da R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

WENGER, E. Communities of practice and social learning systems. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 225-246, 2000.

WENGER, E. C.; SNYDER, W. M. Communities of Practice: the organizational frontier. **Harvard Business Review**, p. 139-145, 2000.

APÊNDICES



APÊNDICE A – Roteiro de Observação

Universidade Federal do Espírito Santo – Biblioteca Central

Dia: ____/____/____ Horário: _____

- 1) Processos Organizativos desempenhados na greve;
- 2) Práticas realizadas na greve;
- 3) Artefatos (equipamentos, manuais, documentos, entre outros) utilizados na prática;
- 4) Relacionamento com os colegas de trabalho durante a greve;
- 5) Identificação com a prática realizada;
- 6) Identificação com os objetos (artefatos) da prática;
- 7) Comunicação com a chefia de Seção e da Divisão de Assistência ao Usuário – DAU no transcorrer da prática;
- 8) Contato com colegas que realizam a mesma prática, porém, em outras instituições;
- 9) Integração de um novo membro no grupo e/ou prática realizada.

APÊNDICE B – Autorização para Realização da Pesquisa**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS
Biblioteca Central**

Eu, _____, Diretora da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, autorizo a realização da pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFES sob o título: “O Processo Organizativo da Greve no Contexto de uma Biblioteca Universitária Brasileira”, orientada pelo Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva a ser conduzida pela pesquisadora Perla Rodrigues Lôbo, Bibliotecária/Documentalista, Servidora Pública Federal.

A pesquisa tem como objetivo compreender o processo organizativo que constitui a greve em uma organização que está em constante transformação. A coleta de dados ocorrerá por meio de análise documental, conversas informais e observação participante das práticas desempenhadas nesse contexto.

Declaro que fui informada pela responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados em Anais de Eventos e Periódicos Acadêmicos mas, a identidade dos participantes não será divulgada sendo guardada em sigilo.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Vitória, 06 de maio de 2015

Assinatura e Carimbo do responsável institucional

Assinatura da Pesquisadora



APÊNDICE C – Autorização para Uso de Fotografias

Eu, _____, Servidor da Universidade Federal do Espírito Santo, autorizo a utilização das fotografias que tirei no período da greve de 2015, na Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, para a pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFES sob o título: “O Processo Organizativo da Greve no Contexto de uma Biblioteca Universitária Brasileira”, orientada pelo Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva a ser conduzida pela pesquisadora Perla Rodrigues Lôbo, Bibliotecária/Documentalista, Servidora Pública Federal.

Declaro que fui informado pela responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados em Anais de Eventos e Periódicos Acadêmicos mas, a identidade dos participantes não será divulgada sendo guardada em sigilo.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Vitória, ____ de _____ de 2015

Assinatura do Responsável pelas Fotografias

CPF: _____

Assinatura da Pesquisadora